APOLLINAIRE

O RÉ LUA

3

A Biblioteca de Babel

Esta colecção, a exemplo das suas congéneres italiana e espanhola, pretende vir a ocupar um lugar de destaque no panorama editorial presente, pela via da literatura fantástica. Ao longo da sua existência, o leitor português irá deparar com textos cuja faceta comum é a do fantástico, indo este do insólito ao inquietante. Reunir-se-ão alguns volumes de contos cuja selecção é do próprio J. L. Borges, com outros, de autores porventura desconhecidos, ou de obras menos conhecidas de autores célebres, e ainda com algumas revelações correspondentes a novos criadores.

A Biblioteca de Babel

Se deseja receber informações pormenorizadas ou livros já publicados, peça o catálogo ao seu livreiro, preencha o postal que poderá encontrar nesta edição ou solicite ainda, através de um simples postal, informações periódicas para:

VEGA
Gabinete de Edições
Rua João Saraiva, 36-3.º
1700 LISBOA — Telef. 80 95 79

APOLLINAIRE

O REI LUA

Título original: Le Roi Lune
Autor: Guillaume Apollinaire
Colecção: Biblioteca de Babel
Direcção: Luís Alves da Costa
Tradução: José Carlos Rodrigues

Rua João Saraiva, 36-3.º
1700 LISBOA — Telef. 80 95 79

Editor: Assírio Bacelar
Capa: José Eduardo Rocha
Fotocomposição: Sotecla
Impressão e acabamento: Grafestal — Estarreja
Depósito Legal: 28468/89

Apollinaire

O Rei Lua

Prólogo
de Luís Alves da Costa

vega

Prólogo

Com Apollinaire morre a antiga Europa. Vítimas de uma mesma guerra, o poeta e uma concepção aristocrática do poder abandonam o palco da História nesse ano de 1918. Essa Europa não voltará. Pelo contrário, o caminho entreaberto e prosseguido por Apollinaire, não deixou de frutificar.

Nascido em 1880, beneficiou da longa paz que o Continente alcançou entre a Guerra Franco-Prussiana e a fatal Primeira Grande Guerra. O cosmopolitismo do seu imaginário não deveu pouco às suas origens: filho de uma aristocrata polaca, aventureira, teve como local de nascimento Roma. Genealogicamente, pairava sobre ele a sombra de poder ter sido filho de um antigo bispo do Mónaco, e a realidade do seu avô materno ter sido camarista de Pio IX. Vous n'aimez rien tant que les pompes de l'Église, *em*

«Alcools», mais do que um verso, é um modo de confissão. Protegido por prelados, frequentando colégios católicos, teve na realidade um pai italiano, ligado à Corte das Duas Sicílias, que pouco tempo acompanhou a sua infância. Ter-lhe-á, porventura, deixado um atávico gosto pelo operático, de que algumas das suas obras se ressentem.

O tratamento dionisíaco dado por Apollinaire à realidade leva a que o campo daquilo que se poderia designar por fantástico se alargue. As suas danças campesinas revelarão sempre danças macabras e ritualmente sazonais e as suas figuras religiosas estarão eivadas de heresia e serão usualmente sombras de anti-Papas. É o caso de «Simão Mago», onde se explora o perigoso equívoco da semelhança, que não apenas física, entre o Mago e o Apóstolo Pedro. No relato renasce o eterno desejo de comentar e recompor o facto histórico, faceta comum de outros textos já presentes nesta colecção.

O artifício do encontro fortuito é utilizado para introduzir outra das personagens do Fabuloso, como o Judeu Errante, no conto intitulado «O Transeunte de Praga». Como noutras páginas de Apollinaire, o excesso de erudição altera, de quando em quando, a liquidez do relato. Tal corresponde, contudo, tão intimamente à maneira de Apollinaire, que não seria lícito considerar

esse excesso como episódico. O poeta, aliás, cultivava-o, buscando constantemente anciennes vérités mythiques. Como exemplo, o «Vocabulário de Angelologia» de Moisés Schawb (1897) forneceu-lhe o aparato do «Passeante de Praga» e de «Simão Mago». Uma curiosidade natural e a crença na possibilidade do verdadeiro poeta poder tirar partido de todos os factos acompanharam-no. Coleccionador do Real, efabulador de relações, esse Apollinaire, cuja infância tinha sido transfigurada pelos contos de fadas e pelos romances de cavalaria, não será avaro na utilização de personagens míticas e de um vasto leque de cenários geográficos. Entre a glosa e a apropriação do texto de raiz histórica, científica ou etnográfica fará lembrar Lautréamont. O humor funcionará também como constante de muitas das suas páginas. No «Transeunte de Praga», reside na falácia de considerar que o Judeu Errante, por estar condenado a um constante deambular, seria obrigado a andar em cada instante.

«O Rei-Lua» refere outro dos grandes mitos, o de Ludwig Von Wittelsbach, o wagneriano Luís II da Baviera. Não terá sido alheia à génese desse conto a visão que, já no início do nosso século, Apollinaire tivera do Príncipe Regente Luitpold Von Wittelsbach, em Munique e que descreve como «um mestre de dança do séc.

XVIII». O relato nasce da suposição de uma negação: a de que os factos do estranho afogamento no Starnebergersee se não tivessem verificado o que, aliás, será uma crença popular bávara. A atmosfera particular do conto será ainda uma excelente oportunidade para manifestar o seu panteísmo sexual, criando uma vaga tensão erótica. No «Desaparecimento de Honoré Subrac» o clima fantástico atinge grande consistência: recorre a uma das formas da Magia, o mimetismo que, gesto ou disfarce, é o modo principal do ilusionismo.

«A Separação da Sombra» ecoa as antigas pretensões às artes da adivinhação de Apollinaire. Retoma o caro tema da sombra, espelho da alma, e da sua partida. «O Passeio da Sombra» é um falso prolongamento do conto anterior. Seria uma obscura resposta ao desaparecimento das sombras, anunciador da Morte, e dos caminhos por elas seguidos. Acaba por se revelar exemplo de como a tendência para o alegórico pode destruir o efeito do fantástico.

No «Marinheiro de Amesterdão» um encadeamento de estados de impotência levará o leitor a confrontar-se com o crime perfeito. Todavia, o desenlace, se de outro modo conduzido, poderia tê-lo feito gorar-se. Pela premeditação, não é alheio a um parentesco com «Emma Zunz» de Borges.

À la fin tu es las de ce monde ancien. *É o verso com que Apollinaire iniciou «Alcools» e que desmente toda a sua obra senão a sua atitude perante o mundo. Definiu-se um dia como «alegre, com súbitas tristezas». Tudo isso perpassa na sua prosa, onde muitos relatos, como que não dotados de enredo, se limitam a recriar atmosferas ou captar fragmentos banais de um quotidiano imaginado, nos moldes utilizados, décadas antes, por German Nouveau ou por Baudelaire, nos seus «Petits Poèmes en Prose».*

A melancolia que invade algumas das páginas de Apollinaire não é estranha a uma comum sensibilidade do tédio. Foi, contudo, grande amante da vida e não a abandonou voluntariamente. Um estilhaço de óbus durante a sombria Guerra de 14-18, uma trepanação debilitante e a insidiosa Gripe Espanhola *levaram-no ao túmulo nesse Ano de Apocalipse de 1918, juntamente com as grandes águias europeias crendo, talvez, que a Natureza não ama nem os Poetas nem os Impérios.*

LUÍS ALVES DA COSTA

O transeunte de Praga

Em Março de 1902, estive em Praga.
Vinha de Dresden.
Já em Bodenbach, que é onde ficam as alfândegas austríacas, os modos dos empregados dos caminhos-de-ferro me haviam mostrado que a rigidez alemã não existe no império dos Habsburgo.
Quando, na estação, perguntei a um deles pelo depósito de bagagens, a fim de lá deixar a minha mala, o funcionário pegou logo nela e, retirando do bolso um talão há muito gasto e ensebado, rasgou-o em dois e deu-me uma das partes, convidando-me a guardá-la ciosamente. Garantiu-me que, pelo seu lado, teria idênticos cuidados com a outra parte, e que, coincidindo os dois bocados do talão, eu faria prova de ser o proprietário do volume quando me aprouvesse reavê-lo. Despediu-se então, descaquetando o deselegante boné austríaco.

Já no exterior da estação de Francisco-José, e após me ter livrado dos golpistas que, com uma obsequiosidade bem à italiana, me ofereciam os seus préstimos num alemão incompreensível, meti-me por ruas velhas no intuito de encontrar um alojamento condicente com a minha bolsa de viajante pouco abastado. Obedecendo a um hábito que tem os seus inconvenientes mas é muito cómodo quando não conhecemos nada de uma cidade, pedi indicações a vários transeuntes.

Para meu espanto, os cinco primeiros só sabiam checo e não entendiam uma palavra de alemão. O sexto a quem me dirigi ouviu-me, sorriu e respondeu em francês:

— Fale francês, cavalheiro; nós detestamos os Alemães, mais até do que os Franceses. Temos-lhe ódio, a essa gente que nos quer impor a sua língua, que fica com o proveito da nossa labuta e do nosso solo, que é tão rico que dá tudo, vinho, carvão, pedras preciosas, metais preciosos, tudo, menos sal. Em Praga, ninguém fala senão checo. Mas, se se exprimir em francês, os que souberem responder-lhe fá-lo-ão sempre com prazer.

Indicou-me um hotel que ficava numa rua cujo nome se escreve de maneira e pronunciar-se *Porriitz*, e despediu-se protestando a sua simpatia pela França.

Poucos dias antes, Paris festejara o centenário de Victor Hugo.

Podia agora dar-me conta de que as condolências boémias manifestadas nessa ocasião não eram vãs. Nas paredes, belos cartazes anunciavam as traduções checas dos romances de Victor Hugo. Os escaparates das livrarias pareciam autênticos museus bibliográficos do poeta. Colados nas vitrinas, viam-se recortes de jornais parisienses relatando a visita do burgomestre de Praga e dos *Sokols*. Ainda agora me pergunto qual seria o papel da ginástica naquele assunto.

O rés-do-chão do hotel que me havia sido indicado era ocupado por um café-cantante. No primeiro andar, encontrei uma velha que, depois de eu ter regateado o preço, me conduziu a um quarto acanhado onde se encontravam duas camas. Fiz-lhe saber que tencionava ocupar o quarto sozinho. A mulher sorriu e retorquiu que fizesse como achasse melhor; e que, em todo o caso, encontraria facilmente uma parceira no café-cantante do rés-do-chão.

Saí, com o intuito de passear enquanto fosse de dia e depois jantar numa estalagem boémia. Como era meu hábito, informei-me junto de um transeunte. Acontece que também este reconheceu o meu sotaque, respondendo-me em francês:

— Sou estrangeiro, como você, mas conheço o bastante de Praga e das suas belezas para o convidar a acompanhar-me através da cidade.
Fitei o homem. Pareceu-me sexagenário, mas ainda fresco. O seu vestuário visível compunha-se de um casaco comprido castanho com gola de lontra e de umas calças de pano pretas suficientemente justas para cingirem uma barriga da perna que se adivinhava bem musculosa. Na cabeça, trazia um chapéu grande de feltro negro, como os que os professores alemães usam muitas vezes. Em redor da testa, uma faixa de seda preta. Os sapatos de couro macio, sem saltos, abafavam o ruído dos seus passos iguais e lentos, como os de alguém que tendo um longo caminho a percorrer não quer estar cansado quando atingir a meta. Caminhámos sem falar.
Observei em pormenor o perfil do meu acompanhante. O rosto quase desaparecia na massa da barba, do bigode e dos cabelos, desmesuradamente longos mas cuidadosamente penteados e de uma brancura de arminho. Viam-se-lhe, no entanto, os lábios grossos e arroxeados. E o nariz proeminente, peludo e adunco. À beira de um urinol, o desconhecido deteve-se e disse-me:
— Com licença, cavalheiro.
Segui-o. Reparei que arriara as calças. Assim que saímos:
— Repare nestas casas antigas — disse —; conservam os sinais que as distinguiam antes de terem sido numeradas. Eis a casa da *Virgem*, aquela é a da *Águia*, e lá está a casa do *Cavaleiro*.
Por sobre o portel desta última, estava gravada uma data.
O velho leu-a em voz alta:
— 1721. Onde é que eu estava então?... A 21 de Junho de 1721, chegava eu às portas de Munique.
Ouviu-o atemorizado, e pensando que me metera com um louco. O homem olhou-me e sorriu, pondo a descoberto umas gengivas desdentadas. Prosseguiu:
— Chegava eu às portas de Munique. Mas parece que a minha cara não agradou aos soldados do posto, pois interrogaram-me de um maneira bem indiscreta. As minhas respostas não os satisfizeram, pelo que me amarraram e levaram à presença dos inquisidores. Se bem que a minha consciência estivesse limpa, não me sentia muito tranquilo. Pelo caminho, a imagem de Santo Onofre, pintada na casa que tem actualmente o número 17 de Marienplatz, assegurou-me que viveria, pelo menos, até ao dia seguinte. Pois que essa imagem possui a propriedade de conceder um dia de vida a quem a olhar. É verdade que, para mim, tal visão de pouco servia; possuo a irónica certeza de sobreviver. Os juízes devolveram-me a liberdade

e, durante oito dias, passeei-me por Munique.
— O senhor era bem novo nessa altura — articulei eu, para dizer alguma coisa —, bem novo!
Respondeu-me num tom de indiferença:
— Quase dois séculos mais novo. Mas, tirando a roupa, tinha o mesmo aspecto de hoje. De resto, não era a minha primeira visita a Munique. Tinha lá estado em 1334, e ainda me recordo de dois cortejos que presenciei nessa altura. O primeiro era composto por arqueiros passeando uma impúdice que enfrentava galhardamente as vaias da populaça e ostentava com realeza a sua coroa de palha, diadema infame em cujo topo tilintava uma sineta; duas longas tranças de palha desciam até aos tornozelos da bela donzela. As mãos acorrentadas estavam cruzadas sobre o ventre, que avançava venereamente, conforme a moda de uma época em que a beleza das mulheres consistia em parecerem grávidas. O segundo cortejo era o de um judeu que levavam a enforcar. Acompanhando a turba ululante e encharcada em cerveja, caminhei até ao patíbulo. O judeu ia com a cabeça enfiada numa máscara de ferro pintada de vermelho. Essa máscara simulava um rosto diabólico cujas orelhas tinham, a bem dizer, a forma daqueles cartuchos de que se fazem as orelhas de burro que se põem na cabeça das crianças ruins. O nariz alongava-se em bico e, de pesado que era, forçava o desgraçado a caminhar curvado. Uma língua imensa, lisa, estreita e enrolada completava aquele brinquedo incómodo. Nenhuma mulher tinha piedade do judeu: nenhuma se lembrou de enxugar o rosto que transpirava sob a máscara — como aquela desconhecida que enxugou o rosto de Jesus com o pano, chamada Santa Verónica. Tendo reparado que um dos ajudantes do cortejo levava dois grandes cães pela trela, a plebe exigiu que fossem ambos enforcados ao lado do judeu. Achei que se tratava de um duplo sacrilégio — do ponto de vista da religião daquela gente, que fez do judeu uma espécie de Cristo pungente, e do ponto de vista da humanidade, pois eu, caro senhor, detesto os animais e não suporto que os tratem como homens!

— Você é israelita, não é verdade? — limitei-me a dizer.

O homem retorquiu:

— Eu sou o Judeu Errante. Decerto que já o tinha adivinhado. Sou o Eterno Judeu — é assim que me chamam os Alemães. Sou Isaac Laquedem.

Dei-lhe o meu cartão, dizendo:

— Você estava em Paris o ano passado, em Abril, não estava? E escreveu o seu nome a giz numa parede da rue de Bretagne. Recordo-me

de tê-lo lido um dia em que me dirigia à Bastilha na Himperial de um ónibus.

Ele anuiu, e eu continuei:

— Não lhe atribuem muitas vezes o nome de Ahasverus?

— Meu Deus, esses nomes pertencem-me, e muitos outros ainda! A melopeia que o povo cantou depois da minha visita a Bruxelas chamava-me Isaac Laquedem, de acordo com Philippe Mouskes que, em 1243, pôs em versos flamengos a minha história. O cronista inglês Mathieu de Paris, que a ouvira do patriarca arménio, já a havia contado. Desde então, muitos poetas e cronistas deram conta da minha passagem, sob o nome de Ahasver, Ahasverus ou Ahasvere, por tais ou tais cidades. Os Italianos chamam-me Buttadio — em latim, Buttadeus —; os Bretões, Boudedeo; os Espanhóis, Juan Espéra-en-Dios. Eu, prefiro o nome de Isaac Laquedem, sob o qual fui muitas vezes visto na Holanda. Certos autores pretendem que fui porteiro de Poncio Pilatos e que o meu nome era Karthaphilos. Outros há que apenas vêem em mim um sapateiro remendão, e a cidade de Berna honra-se de conservar um par de botas pretensamente feitas por mim, que eu aí teria deixado quando por lá passei. Mas nada direi da minha identidade, a não ser que Jesus me ordenou que caminhasse até ao seu regresso. Não li as obras que inspirei, mas sei os nomes dos seus autores. São eles: Goethe, Schubart, Schlegel, Schreiber, von Schenk, Pfizer, W. Müller, Lenau, Zedlitz, Mosens, Kohler, Klingemann, Levin, Schüking, Andersen, Heller, Herrig, Hamerling, Robert Giseke, Carmen Sylva, Hellig, Neubaur, Paulus Cassel, Edgard Quinet, Eugène Suë, Gaston Paris, Jean Richepin, Jules Jouy, o Inglês Conway, os Praguenses Max Haushófer e Suchomel. É de justiça acrescentar que todos estes autores se valeram do livrinho de cordel que, saído em Leyde em 1602, foi desde logo traduzido para latim, francês e holandês, e seria renovado e aumentado por Simrock nos seus livros populares almães. Mas, olhe! Eis o Ring, ou terreiro dos condenados. Esta igreja contém o túmulo do astrónomo Tycho-Brahé; Jean Huss pregou do seu púlpito, e as suas muralhas ostentam as marcas das balas das guerras dos Trinta Anos e dos Sete Anos.

Calámo-nos, visitámos a igreja e depois fomos ouvir o bater das horas no relógio dos Paços do Concelho. A Morte, puxando a corda, tocava o sino meneando a cabeça. Outras estatuetas buliam, enquanto o galo batia as asas e, diante de uma janela aberta, os Doze Apóstolos desfilavam lançando um olhar impassível sobre a rua. Após termos visitado a desoladora prisão que

tem o nome de *Schbinska*, atravessámos o bairro judeu, com as suas lojas de adelo, de ferragens e de outras coisas sem nome. Vimos magarefes desmanchando bois. Vimos mulheres caminhando apressadas de botas nos pés. Judeus enlutados que passeavam, reconhecíveis pelas suas vestimentas rasgadas. As crianças trocavam insultos em checo ou em calão hebraico. Visitámos, de cabeça coberta, a antiga sinagoga, onde as mulheres não entram nunca durante os ofícios, mas se põem a espreitar através de uma lucarna. Essa sinagoga tem o aspecto de um túmulo onde dorme, velado, o velho rolo de pergaminho que encerra uma admirável tora. Em seguida, Laquedem viu que eram três horas no relógio da judiaria. Esse relógio tem algarismos hebraicos e os seus ponteiros deslocam-se ao contrário. Atravessámos o Moldau pela Carlsbrücke, a ponte de onde São João Nepumoceno, mártir do segredo da Confissão, foi lançado ao rio. De essa ponte ornada de estátuas pias, avista-se o espectáculo magnífico do Moldau e de toda a cidade de Praga, com as suas igrejas e conventos.

À nossa frente, elevava-se a colina do Hradschin. Enquanto subíamos por entre palácios, retomámos a conversa.

— Julgava — disse eu — que você não existia. A sua lenda, achava eu, simbolizava a vossa raça errante... Eu gosto dos Judeus, cavalheiro. A permanente agitação em que se encontram é-me simpática e tem sido a desgraça de tantos... É então verdade que Jesus vos expulsou?

— É verdade, mas não falemos disso. Já me acostumei a esta vida sem fim e sem descanso. Porque eu não durmo. Caminho sem nunca parar, e continuarei a caminhar enquanto se manifestarem os Quinze Sinais do Juízo Final. Mas não percorro um caminho da cruz — as minhas rotas são ditosas. Testemunha imortal e única da presença de Cristo sobre a terra, atesto junto dos homens a realidade do drama divino e redentor que teve o seu desenlace no Gólgota. Que glória! Que alegria! Mas sou também, há dezanove séculos, o espectador da Humanidade, que me proporciona divertimentos maravilhosos. O meu pecado, caro senhor, foi um pecado de génio, e há já muito tempo que deixei de me arrepender dele.

Calou-se. Visitámos o castelo real de Hradschin, com os seus salões majestosos e desolados, e depois a catedral, onde se encontram os túmulos reais e o relicário de prata de São Nepumoceno. Na capela onde eram coroados os reis da Boémia, e onde o rei santo, Venceslau, sofreu o seu martírio, Laquedem fez-me notar que as muralhas eram feitas de gemas: ágatas e ame-

tistas. Chamou-me a atenção para uma destas últimas:

— Veja, ao meio os veios desenham um rosto de olhos flamejantes e loucos. Diz-se que é a máscara de Napoleão.

— É a minha cara — gritei —, com os meus olhos carregados de sombra e ciúme!

E é verdade. O meu retrato doído está ali, perto da porta de bronze de onde pende a argola que prendia São Venceslau quando o torturaram. Tivemos de sair. Ficara pálido e infeliz por me ter visto louco, eu que tanto receio tenho de enlouquecer. Laquedem, piedoso, consolou-me dizendo:

— Não visitemos mais monumentos. Caminhemos pelas ruas. Observe bem Praga: Humboldt afirma que é uma das cinco cidades mais interessantes da Europa.

— Então você sempre lê?

— Oh! Às vezes, bons livros, enquanto caminho. Vá, ria-se! Às vezes até amo enquanto ando.

— O quê? Você ama e nunca tem ciúmes?

— Os meus amores de um instante valem por amores de um século. Mas, por felicidade, ninguém me segue e eu não tenho tempo de criar essa habituação a partir da qual se engendre o ciúme. Isso, ria-se! Não tema o devir nem a morte. Nunca se tem a certeza de morrer. Julga

então que eu sou o único que não morreu! Lembre-se de Enoch, de Elias, de Empédocles, de Apolónio de Tirana. Será que já ninguém neste mundo acredita que Napoleão continua vivo? E esse desafortunado rei da Baviera, Luís II? Pergunte aos bávaros. Todos afirmarão que o seu rei magnífico e louco vive ainda. Você, você mesmo, não morrerá talvez.

A noite caía e as luzes nasciam sobre a cidade. Voltámos a atravessar o Moldau, por uma ponte mais moderna.

— São horas de jantar — disse Laquedem —, andar abre o apetite e eu sou um bom comilão.

Entrámos numa estalagem onde se tocava música.

Havia um violinista, um homem que se encarregava do tambor, do bombo e dos ferrinhos, e um terceiro executante que tocava uma espécie de harmónio com dois teclados justapostos e ligados a foles. Os três músicos faziam um barulho dos diabos e acompanhavam bastante bem o *gulasch* com colorau, as batatas salteadas com grãos de cominho, o pão com sementes de papoila e a cerveja amarga de Pilsen que nos serviram. Laquedem comia em pé, passeando-se pela sala. Os músicos tocavam e em seguida pedinchavam. Enquanto isto, a sala enchia-se das vozes guturais dos hóspedes, todos eles Boémios

de cabeça esférica, cara redonda e nariz arrebitado. Laquedem falou deliberadamente. Vi que apontava para mim. Olharam-me: alguém veio apertar-me a mão, dizendo:
«Vivê la Frantzé!»

A companhia atacou a *Marselhesa*. Pouco a pouco, a estalagem foi-se enchendo. De mulheres, também. Por isso, dançou-se. Laquedem enlaçou a bela filha do estalajadeiro, e vê-los foi um deleite. Dançavam os dois como anjos, segundo o dizer do Talmude, que chama aos anjos *mestres de dança*. Subitamente, ele tomou a sua dançarina pelo pulso, ergueu-a e assim a bailou, sob os aplausos de todos. Quando a rapariga voltou a sentir o chão sob os pés estava séria, quase pasmada. Laquedem deu-lhe um beijo que vibrou de juvenilidade. Quis pagar a sua despesa, cujo montante era de cem florins. Para o efeito, puxou da bolsa, irmã da de Fortunato e nunca despojada dos cinco vinténs da lenda.

Saímos da estalagem e atravessámos a grande praça rectangular a que dão o nome de Wenzelplatz, Viehmarkt, Rossmarkt ou Vàclavské Nàmesti. Eram dez horas. Na luz ténue dos candeeiros, rondavam mulheres que, ao passarem, nos murmuravam frases de engodo checas. Laquedem arrastou-me para o bairro judeu, enquanto dizia:

— Vai ver... para passar a noite, cada uma das casas se transforma num lupanar.

Era verdade. A cada porta plantava-se, em pé ou sentada, a cabeça coberta com um xaile, uma matrona que rosnava o chamamento ao amor nocturno. De repente, Laquedem disse:

— Quer vir ao bairro dos Vinhedos Reais (*)? Encontram-se lá garotas de catorze, quinze anos que não poucos pedófilos achariam a seu gosto. Declinei a tentadora oferta. Numa casa ali perto, bebemos vinho da Hungria com mulheres em penteador, alemãs, húngaras ou boémias. A festa tornou-se crapulosa, mas eu não me meti à mistura.

Laquedem desdenhou das minhas reservas. Atirou-se a uma Húngara mamalhuda e coxuda. Já desbraguilhado, arrastou a rapariga, que tinha medo do velho. O seu membro circunsisado evocava um tronco nodoso, ou então um daqueles potes coloridos dos Peles-Vermelhas, raiado de terra-de-sombra, de escarlate e do violeta escuro dos céus de trovoada. Ao cabo de

(*) Ou vinhas, evidentemente. O leitor abominará algumas opções paradigmáticas de entre as incontáveis que a tradução teve de operar *(N. T.)*

um quarto de hora, voltaram. A rapariga, seduzida mas assustada, gritava em alemão:
— Nunca parou de andar! Nunca parou de andar!

Laquedem ria. Pagámos e partimos. Depois, disse-me:
— Fiquei bastante satisfeito com esta rapariga, e eu raramente me contento. Só me lembro de gozar assim em Forli, em 1267, quando tive uma virgem. Também fui bastante feliz em Siena, já não sei em que ano do século XIV, com uma fornarina casada, que tinha um cabelo da cor dos pães dourados. Em 1542, em Hamburgo, excedi-me tanto que fui a uma igreja, descalço, suplicar a Deus em vão que me perdoasse e me fizesse ter tento. Nesse mesmo dia, durante o sermão, fui reconhecido e abordado pelo estudante Paulus von Eitzen, que se tornaria bispo de Schleswig — o qual foi contar a sua aventura a um amigo, Crisóstomo Daedalus, que a imprimiu em 1564.
— Você vive! — disse eu.
— Sim! Vivo uma vida quase divina, como a de um Wotan, triste é que nunca. Mas, sinto-o, preciso de ir-me embora. Estou farto de Praga! Você está a cair de sono. Vá dormir. Adeus!
Peguei-lhe na mão longa e seca:
— Adeus, Judeu Errante, viajante feliz e sem

destino! O meu optimismo não é medíocre, e loucos são aqueles que vêem em si um aventureiro macilento e perseguido pelos remorsos.
— Remorsos? De quê? Mantenha a paz de espírito e seja malicioso. Os bons sauda-lo-ão. O Cristo! Amesquinhei-o. E ele fez-me sobrehumano. Adeus!...

Acompanhei com o olhar, enquanto ele se afastava na noite fria, as evoluções da sua sombra, simples, dupla ou tripla, consoante os clarões dos candeeiros.
De súbito, agitou os braços, soltou o grito de lamento de um animal ferido e estatelou-se no solo.
Precipitei-me para ele aos gritos. Ajoelhei-me e desabotoei-lhe a camisa. Voltou para mim uns olhos desvairados e falou confusamente:
— Obrigado. É tempo. Em cada oitenta, cem anos, um mal terrível atinge-me. Mas eu curo-me, e logo fico de posse das forças necessárias para mais um século de vida.
E lamentou-se, dizendo:
— Oi! Oi! — que quer dizer «ai, ai» em hebraico.
Durante este episódio, toda a putaria do bairro judeu, atraída pelos gritos, tinha saído para a rua. A polícia acorreu ao local. Vi também homens precariamente vestidos que se haviam

levantado da cama à pressa. Caras que assomavam às janelas. Afastei-me e fiquei a olhar o cortejo dos agentes da polícia que levavam Laquedem, seguido pela turba dos homens sem chapéu e das raparigas em penteador branco engomado.

Em breve, apenas ficou na rua um velho judeu com olhar de profeta. Olhou-me com desconfiança e murmurou em alemão:
— É um judeu. Vai morrer.
E vi que, antes de entrar em casa, abria o casaco e rasgava a camisa, diagonalmente.

Simão Mago

...E enquanto a multidão glorificava aquele cujos discípulos tantos prodígios realizavam, um homem de cabelos negros e frisados, de barba ruiva e fina — de rosto pintado, aproximou-se do diácono Filipe e disse-lhe:
— Adivinho! Queres, a troco da tua ciência, que é meu desejo aprender, deixar-te inculcar pela minha, que compreende antes de mais os dez graus demoníacos. Há muito que o meu entendimento franqueou os três graus tenebrosos, e conheço agora os sete círculos do inferno propriamente dito.
— Para trás! — gritou o diácono Filipe — Nada há de comum, feiticeiro, entre ti e mim. Eu sou discípulo d'Aquele que, na sua bondade, entregou os teus mestres malditos a todos os padecimentos. Eu sou da sua Igreja e, conforme o seu querer, as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Mas o homem sorriu e, ajustando sobre a cabeça, com a mão direita, a tiara cor de açafrão onde, como o Meandro ao sol, brilhava uma serpente feita de opalas, prosseguiu:

— Eu comando com firmeza as legiões de demónios e comunico com as miríades de anjos. Na sua suavidade reside a minha força e, sendo o mais rico, sendo o mais sábio da Samaria, quero submeter-me àquele cujos subordinados tantos prodígios realizam. Como se chama o teu mestre?

— É — respondeu o diácono — Jesus de Nazaré, o Messias, o Filho de Deus.

Depois doutrinou-o e, vendo que humilde e submisso reconhecia a verdade, perguntou-lhe o nome, ao que o homem agarrou com ambas as mãos umas argolas de ouro que pendiam das suas orelhas. Nos dedos, pedras opacas engastadas em bagos de ouro, tinham gravados signos vários. Naquela posição, os ombros, os braços e a cabeça formavam um triângulo isósceles. Longas pálpebras violeta velaram o brilho dos olhos negros, e a boca pintada pronunciou:

— Simão.

O diácono recordou-se daquele nome que fora o do chefe dos apóstolos e em seguida baptizou o homem, chamando-lhe Pedro, e acrescentando:

— Simão, doravante tu és Pedro, como o é o Vigário de Deus sobre a terra.

Nesse momento, tendo o povo gritado «Arredem» enquanto abria alas, Filipe viu o próprio Pedro que chegava, os olhos turvados pelas lágrimas que não paravam de jorrar desde que, por três vezes, renegara o seu divino Mestre. Junto do antigo pescador do lago Tiberíades caminhava João, o discípulo bem-amado.

Disse então o diácono:

— Eis que chega Pedro, a chorar. A seu lado caminha, jovem e grave, João o preferido. Homem que o baptismo renovou, pede-lhe que te confira o Espírito Santo.

O povo dispersara-se. Ninguém mais ficara na praça, na companhia de Filipe e João, além do recém-baptizado. Este, arregaçou pela frente as dobras da sua túnica rojante, cujo tecido amarelo era uma trama de desenhos violeta representando animais fantásticos, com o que pôs a descoberto umas sandálias de couro azulado, ornadas no peito do pé de um quádruplo triângulo de ouro. E Pedro, abeirando-se de Filipe, perguntou:

— Que homem é aquele, de atitude orgulhosa? Não parece possuir a verdadeira humildade de coração.

E o diácono Filipe respondeu:

— É um mágico. Ao que diz, comandava fir-

memente as legiões de demónios e entendia-se com as miríades de anjos. Submeteu-se, ele, o seu saber e os seus subordinados sobrenaturais, à divina autoridade do Cristo, nosso Mestre, e foi baptizado.
Um longo cortejo de mulheres enluvadas, carregando cântaros à cabeça, atravessou a praça. Aproximaram-se dos apóstolos e uma delas, graciosa e robusta, pousou o seu cântaro e ajoelhou-se diante de Pedro, dizendo:
— Mestre, afiança-se que falais em nome de Jesus de Nazaré. Um dia, ele conversou comigo. Estava eu sentada, a pouca distância da cidade, no parapeito do poço onde nós vamos. Mestre, falai-nos de Jesus.
E o feiticeiro pôs-se à sua frente, dizendo:
— Mestre, não lhe respondais, é uma prostituta.
Mas Pedro replicou:
— Mago, afasta-te!
E sorrindo, banhado em lágrimas, disse à Samaritana:
— Mulher que tendes fé, ide até ao poço com vossas companheiras demandar a água do vosso baptismo e regressai até mim.
E a Samaritana, após se ter levantado, dirigiu-se, seguida das outras mulheres, para a porta da cidade.
O feiticeiro, tendo-se aproximado novamente de Pedro, disse-lhe:

— Vim até Filipe, teu discípulo, que neste lugar realizou, antes da tua chegada, admiráveis prodígios. Rogo-te que me confiras o Espírito Santo e o poder de conferi-lo por minha vez.
E Pedro perguntou:
— Mago, por que desejas tu o poder de conferir o Espírito Santo?
E o feiticeiro respondeu:
— Por causa da glória que daí me advirá. Ela colocar-me-á acima dos outros homens, e um dia, se tu morresses antes de mim, eu seria digno de tomar o teu lugar, ó Mestre!
E Pedro retorquiu:
— Aquele que aspira a outra glória que não a do Altíssimo é indigno de conferir o Espírito Santo. Vai-te daqui, Mago, mais a tua magia.
Mas o feiticeiro, inclinando-se, retomou:
— Mestre, vós sois pobre e eu sou rico: vendei-me o saber de que a minha magia mais não é que o erro!
Pedro virou-lhe a cara e perguntou a Filipe:
— Como se chamava este homem?
— Simão! — respondeu o diácono.
E Pedro, caindo de joelhos, exclamou:
— O meu nome de pescador! Que Simões sejam todos aqueles que queiram comprar os dons sagrados. Que esse pecado execrável seja odiado no céu e na terra!
O mágico baixara-se e, enquanto as mangas pe-

sadas e pendentes da sua túnica levantavam a poeira, traçou no chão as palavras ABLANATANALBA e ONORARONO, que podem ler-se indiferentemente da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita; quando se voltou a erguer, os discípulos viram à sua frente a imagem viva de Pedro, o chefe dos apóstolos, mas de um Pedro que não chorava e dizia:

— Simão-Pedro, eu não sou outro senão aquele que tu és, e os nossos nomes são os mesmos. Viverei tanto tempo quanto a Igreja que comandas. Torno-me para sempre o seu mau chefe, tal como tu és o seu bom pastor. E, quando e onde tu representares a bondade celeste, eu serei a maldade infernal que porá em alvoroço, quando me aprouver, as legiões de demónios e as miríades de anjos.

Dito isto, desapareceu, e os olhos dos apóstolos em vão o procuraram através da praça, aonde regressava, pela porta da cidade, o cortejo das Samaritanas que, de braços ao alto, mantinham sobre a cabeça inclinada a vasilha cheia da sua água baptismal.

...E vendo aproximarem-se dois anciãos de uma semelhança perfeita, Nero perguntou:

— Qual de vós é esse Galileu cujos milagres assombram a cidade?

Mas eis que um dos homens ergueu os olhos

em direcção ao céu sem nada responder, ao passo que o seu companheiro exclamava:

— Estoutro que comigo se parece não passa de um impostor. E, neste jardim em que nos acolhes, ó César, quero elevar-me diante de ti como um pássaro levantando voo. A minha arte confere-me o meio de assim confundir este silencioso.

O imperador rebentou a rir:

— Estrangeiros — disse ele —. A princípio, tomei-vos por Castor e Pollux, mas esses amam-se e vivem alternadamente. A vossa inimizade excita a minha imaginação. Encantadores, fazei prodígios. A minha música acompanhará os vossos gestos. Em seguida, celebrarei a vossa luta em estrofes alcaicas.

Viu então que o rosto do ancião que falara estava calmo e seguro, enquanto nas faces do silencioso lágrimas que não paravam de correr haviam cavado dois sulcos. Pegando numa lira afinada, Nero fê-la soar e o homem que não chorava exclamou:

— Pedro, eis o momento em que te confundirei. A minha arte destruirá todos os encantamentos da tua ignorância. Os meus aliados velam no Céu e no Inferno.

Traçou no chão a palavra ANATANA, que se lê da direita para a esquerda e reciprocamente.

Tendo-se elevado uma névoa escura, o mágico disse-lhe:

— Anatana, príncipe do Inferno, se o meu inimigo me atacar no momento em que, tendo acabado de deixar a terra, não me puder defender, farás cair a noite e combaterás esse homem na escuridão.

Agachou-se para atar os cordões da sua sandália direita, ornada no peito do pé com um quádruplo triângulo de ouro, e voltou a erguer-se chamando:

— Eloah Quanah, Deus ciumento, postado às portas da morada celestial, a oeste, afasta-te sem resistência para dar passagem aos que me servem!

Depois, gritou:

— Kokhabiel!

E houve um rumor prateado de armas celestes, no momento em que avançaram Kokhabiel e os trezentos e sessenta e cinco mil anjos que ele comanda. O mágico lançou um olhar triunfante sobre Pedro que, caído de joelhos, orava agora com os braços em cruz.

O encantador chamou:

— Quemuel!

E com um ruído semelhante ao canto de milhares de aves, avançaram Quemuel e os doze mil espíritos que se encontram sob as suas ordens.

O mago ordenou:

— Anjo Dumiel, porteiro do Inferno, deixa passar aqueles que me servem.

E, silenciosos como o voo dos morcegos, avançaram às cavalitas de zebras, hemíonos e onagros, de pé em cima de elefantes armados de belas cidadelas, montados em panteras ou ainda a pé, conduzindo ursos e onças acorrentadas, os noventa mil demónios presentes no Êxodo do Egipto.

O mágico disse então àqueles que lhe obedeciam:

— Vós, que sois ao mesmo tempo meus mestres e meus servidores, vêde como vou elevar-me diante de César como a ave ao levantar voo. Defendei-me enquanto estiver no ar, a fim de que o meu inimigo permaneça em terra, impotente e confundido.

Aproximou-se de Pedro e falou-lhe assim:

— As potências do Céu e do Inferno obedecem-me. Deus, ele próprio, vai aparecer diante de ti para te confundir, atestando a minha ciência e a tua ignorância.

Chamou:

— Sidra!

E a Ordem que é a Boca de Deus surgiu no firmamento, onde, à voz do mago, se manifestaram Tathmahinta, que é o Cotovelo esquerdo do Corpo de Deus, Adramat, que é um dedo majestoso do Pé direito do Corpo de Deus, Au-

hez, que é um dedo preensivo do Pé esquerdo do Corpo de Deus, junto de Hatoumah que, sendo a própria Integridade, é também um Dedo Grande do Pé esquerdo do Corpo de Deus.

E que imensa Majestade enchia o céu à medida que apareciam as celestiais Potências que são os Membros do Corpo de Deus!

Dagoul We Adom inscreveu-se numa rubrica distinta do Corpo de Deus. Então, Kokhabiel e os seus trezentos e sessenta e cinco mil Anjos, Quemuel e os seus doze mil Espíritos, Anatana o obscuro e os noventa mil demónios presentes no Êxodo do Egipto, as legiões de demónios e as miríades de anjos de todas as hierarquias inclinaram-se, e apareceu o fulgurante Ohaztah, que é o Príncipe da Face divina. Prestes e inauditos, rodeando, suportando o Corpo adorável, manifestaram-se Afapé, Elohemancith, Tamani, Ouriel e as outras Faces de águias, de leões ou de querubins que ornam o Carro celeste.

Os Ofanim, classe de anjos multicolores, que são as rodas desse Carro mais veloz que aquilo que o espírito humano poderá conceber, rodopiaram no céu lançando um brilho insuportável, e que tomava todas as tonalidades, das brancuras totais infinitamente variadas das mais puras regiões estreladas, aos derradeiros matizes que flamejam nos abismos, no mesmo instante em que, sombria e terrível como um anúncio de tempestade, dominava no zénite a profundidade violeta de Humasion, a Ametista, que é uma denominação da Divindade.

E Pedro, a fronte contra o solo, suplicava ao Altíssimo que confundisse o mágico, que exclamou:

— César! Vou agora elevar-me diante de ti, à vista de Deus.

Chamou então:

— Isda! Auhabiel! Auferethel!

E Isda, que é o anjo do alimento, avançou e deu-lhe as forças necessárias à realização do seu falso milagre; em seguida, Auhabiel, o anjo amado de Deus e preposto ao amor, estendeu as asas e, apanhando o mago pelos cabelos, levou-o em direcção às regiões superiores, enquanto Auferethel, que é o anjo de chumbo, retinha Simão para que ele não subisse demasiado depressa e não perdesse o conhecimento. Mas, de repente, tendo-se levantado, Pedro rompeu o encantamento com um só gesto e, num silêncio augusto, a angélica e dardejante majestade do Corpo divino desmoronou-se, ao mesmo tempo que, num alvoroço de prata e seda, desapareciam as miríades de anjos, e que, com um rumor de borborigmo cloacal, se afundavam no abismo as legiões demoníacas.

...E crucificado de cabeça para baixo, por respeito à adorável posição do seu Mestre, Pedro de olhos queimados pelas lágrimas, Pedro à beira de morrer, via um homem que se parecia com ele avançar em direcção ao carrasco, a quem perguntava:
— Por quanto me venderias tu o corpo deste supliciado?
E o carrasco respondeu:
— Estrangeiro, este mártir que se te assemelha é sem dúvida teu irmão... Também eu sou cristão, pois que fui baptizado. Exerço o meu ofício e, ao fazê-lo, cumpro a vontade divina. Mas o corpo de um mártir é uma dádiva sagrada de Deus aos seus fiéis, e é proibido vender as dádivas sagradas. Quando este homem estiver morto, levarei o seu cadáver para que os crentes possam venerá-lo... Entretanto, para passar o tempo, joguemos aos dados o meu silêncio contra as tuas sandálias azul-celeste, ornadas, no peito do pé, de um quádruplo triângulo de ouro.

O desaparecimento de Honoré Subrac

A despeito das mais minuciosas investigações, a polícia não chegou a elucidar o mistério do desaparecimento de Honoré Subrac.
O desaparecido era meu amigo, e como eu conhecia a verdade a respeito do seu caso, dispus-me a pôr a justiça ao corrente do que se passara. O juiz que recolheu as minhas declarações tomou para comigo, após ter escutado o meu relato, um tão apavorado tom de polidez, que não tive qualquer dificuldade em compreender que me tomava por um louco. Disse-lho. Tornou-se ainda mais polido, e depois, levantando-se, empurrou-me em direcção à porta, e vi o seu escrivão, de pé, punhos cerrados, pronto a saltar-me em cima se eu me armasse em furioso. Não insisti. O caso de Honoré Subrac é, com efeito, tão estranho, que a verdade parece inacreditável. Soube-se pelos relatos dos jornais

que Subrac passava por ser um original. De Verão ou de Inverno, não vestia senão um capote e não calçava senão umas pantufas. Era bastante rico, e como a sua indumentária me intrigava, perguntei-lhe um dia o que o levava a proceder assim:

— É para ficar despido mais depressa, em caso de necessidade — respondeu-me. — Entretanto, uma pessoa depressa se acostuma a sair pouco vestida. Passa-se bastante bem sem roupa interior, sem meias e sem chapéu. Ando assim desde a idade de vinte e cinco anos e nunca estive doente.

Aquelas palavras, em lugar de me esclarecerem, aguçaram a minha curiosidade.

— Então por que é que — pensei eu — Honoré Subrac precisará de se despir tão depressa?

E punha-me a fazer um sem-número de suposições...

Uma noite, quando regressava a casa — poderia ser uma hora, uma e um quarto —, ouvi pronunciar o meu nome em voz baixa. Pareceu-me que a voz vinha do muro que ladeava o meu caminho. Detive-me, desagradavelmente surpreendido.

— Já não há ninguém na rua? — retomou a voz — Sou eu, Honoré Subrac.

— Onde está você afinal? — exclamei eu, olhando para todos os lados sem fazer ideia do sítio onde o meu amigo poderia estar escondido.

Apenas descobri o seu famoso capote, caído no passeio ao lado das suas não menos famosas pantufas.

— Eis um caso — pensei eu — em que a necessidade obrigou Honoré Subrac a despir-se num piscar de olhos. Vou, finalmente, desvendar um belo mistério.

E disse, em voz alta:

— A rua está deserta, caro amigo, pode aparecer.

Bruscamente, Honoré Subrac destacou-se, não sei como, do muro a que eu estava encostado e de onde, apesar disso, não o conseguira avistar. Encontrava-se completamente nu e, antes de mais nada, apoderou-se do seu capote, que pôs pelas costas e abotoou o mais depressa que pôde. Em seguida calçou-se e, sem o menor pejo, abriu-se comigo enquanto me acompanhava até à porta de casa.

— Você ficou espantado! — disse ele — Mas compreende agora a razão pela qual me visto com tanta bizarria. E, no entanto, não percebeu como é que eu consegui escapar tão completamente ao seu olhar. É bem simples. Não há que ver aí senão um fenómeno de mimetismo... A natureza é boa mãe. Distribuiu aos que,

de entre os seus filhos, os perigos ameaçam, e que são demasiado fracos para se defenderem, o dom de se confundirem com o que os rodeia... Mas você sabe tudo isto. Sabe que as borboletas se assemelham às flores, que certos insectos são semelhantes a folhas, que o camaleão pode assumir a cor que melhor o dissimula, que a lebre polar se tornou tão branca como as regiões glaciais onde, tão arisca quanto a das nossas campinas, se alapa quase invisível.

É assim que esses frágeis animais escapam aos seus inimigos por meio de um estratagema intuitivo que modifica o seu aspecto.

E eu, a quem um inimigo persegue sem descanso, eu, que sou medroso e me sinto incapaz de me defender numa luta, assemelho-me a esses bichos: confundo-me, à vontade e por terror, com o meio ambiente.

Exerci pela primeira vez essa faculdade instintiva há já um certo número de anos. Tinha vinte e cinco anos e, em geral, as mulheres achavam-me agradável e bem feito. Uma delas, que era casada, testemunhou-me tamanha amizade que não consegui de todo resistir-lhe. Fatal ligação!... Certa noite, estava eu em casa da minha amante. O marido, o pretenso, fora para fora por alguns dias. Encontrávamo-nos nus como divindades quanto a porta se abriu e o marido surgiu de revólver na mão. O meu terror foi

indizível, e eu não senti senão uma vontade, cobarde como era, e sou ainda: a de desaparecer. Encostando-me à parede, desejei confundir-me com ela. Nesse mesmo instante, produziu-se o imprevisto. Fiquei da cor do papel da parede, os meus membros começaram a espalmar-se num alongamento voluntário e inconcebível, pareceu-me que fazia corpo com a parede e que, às tantas, já ninguém me via. Era verdade. O marido procurava-me para me matar. Tinha-me visto, e era impossível eu ter fugido. Ficou como louco e, voltando a sua raiva contra a mulher, matou-a selvaticamente despejando-lhe seis tiros de revólver na cabeça. Em seguida foi-se embora, chorando desesperadamente. Depois de ele sair, o meu corpo retomou instintivamente a sua forma normal e a sua cor natural. Vesti-me e logrei ir-me dali antes que alguém chegasse... Essa feliz faculdade, que releva do mimetismo, conservei-a desde então. O marido, não me tendo morto na altura, consagrou a sua existência à execução dessa tarefa. De há muito que me persegue através do mundo, e eu pensava ter-lhe escapado ao vir morar para Paris. Porém, eis que avistei o homem momentos antes de você passar. O terror que então senti fazia-me bater os dentes. Só tive tempo de me despir e de me confundir com o muro. Passou mesmo junto de mim, olhando com curiosidade o

capote e as pantufas abandonadas no passeio. Pode ver quanta razão me assiste em vestir-me sumariamente. A minha falculdade mimética não poderia exercer-se se eu estivesse vestido como toda a gente. Não poderia despir-me suficientemente depressa para escapar ao meu algoz, e importa, antes de mais, que esteja nu, a fim de que as roupas, espalmadas contra o muro, não tornem inútil o meu desaparecimento defensivo.

Cumprimentei Subrac por essa faculdade de que me havia dado provas, e que eu lhe invejava...

Nos dias seguintes não pensei senão naquilo, e dava comigo, por tudo e por nada, esmifrando a minha vontade com o intuito de me modificar na forma e na cor. Tentei transformar-me em autocarro, em Torre Eiffel, em membro da Academia, em premiado com a taluda. Os meus esforços foram vãos. Não chegava lá. A minha vontade não tinha força suficiente, e depois faltava-me aquele santo terror, aquela ameaça formidável que havia despertado os instintos de Honoré Subrac...

Já não o via havia algum tempo quando, um dia, me apareceu esbaforido:

— Esse homem, o meu inimigo — disse-me ele —, espreita-me em toda a parte. Consegui

escapar-lhe por três vezes exercendo a minha faculdade, mas tenho medo, tenho medo, querido amigo.

Vi que tinha emagrecido, mas abstive-me de lho dizer.

— Para escapar a tão impiedoso inimigo — declarei —, só lhe resta uma saída: ir para fora! Esconda-se numa aldeia. Deixe os seus assuntos ao meu cuidado e dirija-se já à estação mais próxima.

Apertou-me a mão, dizendo:

— Acompanhe-me, suplico-lhe, tenho medo!

Caminhámos pela rua em silêncio. Honoré Subrac voltava constantemente a cabeça, com ar inquieto. De repente, deu um grito e desatou a fugir enquanto se desembaraçava do capote e das pantufas. Vi então que um homem se aproximava por detrás de nós, a correr. Tentei detê-lo, mas escapou-se-me. Segurava um revólver, que apontava na direcção de Honoré Subrac. Este, que acabara de alcançar o muro de um quartel, desapareceu como que por encanto.

O homem do revólver estacou estupefacto, soltando uma exclamação de raiva e, como que para se vingar da parede que parecia ter-lhe usurpado a sua vítima, descarregou o revólver no sítio onde Honoré Subrac desaparecera. Depois, abalou a correr...

Juntou-se gente, agentes da polícia vieram dispersá-la. Chamei então pelo meu amigo. Mas ele não me respondeu.
Tacteei o muro, *este ainda estava morno*, e reparei que, das seis balas de revólver, três haviam embatido à altura *de um coração humano*, ao passo que as outras tinham esfolado o reboco mais acima, num sítio onde me pareceu distinguir, vagamente, os contornos de um rosto.

O marinheiro de Amesterdão

O brigue holandês, o *Alkmaar*, regressava de Java, carregado de especiarias e outras matérias preciosas.
Fez escala em Southampton, e os marinheiros tiveram autorização para ir a terra.
Um deles, Hendrijk Wersteeg, levava consigo um macaco no ombro direito, um papagaio no ombro esquerdo e, em bandoleira, uma trouxa de panos indianos que tinha a intenção de vender na cidade, tal como os animais.
Estava-se no começo da Primavera, e a noite caía ainda bastante cedo. Hendrijk Wersteeg caminhava a passo largo nas ruas algo enevoadas que a luz do gás mal iluminava. O marinheiro pensava no regresso próximo à sua Amesterdão, na mãe que já não via há três anos, na noiva que o esperava em Monikendam. Fazia contas ao dinheiro que conseguiria obter com os seus

animais e os seus tecidos e procurava uma loja onde pudesse vender aquelas mercadorias exóticas.
Em Above Bar Street, um cavalheiro muito bem posto abordou-o, perguntando-lhe se buscava comprador para o seu papagaio:
— Essa ave — disse ele — vinha-me mesmo a calhar. Preciso de alguém que me fale sem que eu tenha de lhe responder, e vivo sozinho.
Como a maior parte dos marinheiros holandeses, Hendrijk Wersteeg falava o inglês. Fez o seu preço, que o desconhecido achou bem.
— Siga-me — disse este último — moro bastante longe. Você mesmo meterá o papagaio numa gaiola que tenho em minha casa. Desembrulhará os panos que aí traz, e pode ser que eu encontre algum a meu gosto.
Todo contente com a fezada, Hendrijk Wersteeg lá foi com o gentleman, ao qual, na esperança de lho vender também, fez, pelo caminho, o elogio do seu macaco, que era, dizia ele, de uma raça bastante rara, daquelas cujos indivíduos melhor resistem ao clima da Inglaterra e que mais ganham afeição ao dono.
Mas cedo Hendrijk Wersteeg parou de falar. Estava pura e simplesmente a perder o seu tempo, pois o desconhecido não lhe respondia, e parecia nem o ouvir de todo.
Continuaram a caminhada em silêncio um ao

lado do outro. Sozinhos, saudosos das suas florestas natais, o macaco, assustado no meio do nevoeiro, soltava de vez em quando um gritinho semelhante ao vagido de um recém-nascido, e o papagaio batia as asas.
Ao cabo de uma hora de marcha, o desconhecido disse bruscamente:
— Estamos a chegar a minha casa.
Haviam saído da cidade. A estrada era ladeada por grandes parques, rodeados de grades; de tempos a tempos brilhavam, através das árvores, as janelas iluminadas de uma cottage, e ouvia-se a espaços, na lonjura, o grito sinistro de uma sirene no mar.
O desconhecido deteve-se diante de um gradeamento, tirou do bolso um molho de chaves e abriu a porta, que voltou a fechar após Hendrijk a ter franqueado.
O marinheiro estava impressionado. Mal distinguia, ao fundo de um jardim, uma pequena moradia com bastante bom aspecto, mas cujas persianas fechadas não deixavam passar luz alguma.
O silencioso desconhecido, a casa sem vivalma, tudo aquilo era bastante lúgubre. Mas Hendrijk recordou que o desconhecido morava sozinho:
— É um original! — pensou ele, e como um marinheiro holandês não é assim tão rico que o atraiam para o despojar, teve vergonha do seu momento de ansiedade.

— Se tem fósforos, ilumine-me — disse o desconhecido, introduzindo uma chave na fechadura da porta que dava acesso à cottage.
O marinheiro obedeceu e, uma vez no interior da casa, o desconhecido trouxe uma lamparina que logo alumiou um salão mobilado com gosto.
Hendrijk Wersteeg sentia-se agora completamente tranquilo. Alimentava já a esperança de que o seu bizarro companheiro lhe comprasse uma boa parte dos seus panos.
O desconhecido, que havia saído do salão, voltou com uma gaiola:
— Meta o seu papagaio aqui — disse ele. — Só o colocarei num poleiro quando estiver domesticado e souber dizer o que eu quero que ele diga.
Depois, após ter fechado a gaiola onde o pássaro se espavoria, pediu ao marinheiro que segurasse a lamparina e passasse ao compartimento vizinho, onde se encontrava, dizia ele, uma mesa com espaço para sobre ela se estenderem os tecidos.
Hendrijk Wersteeg obedeceu e encaminhou-se para o quarto que lhe indicavam. Assim que entrou, ouviu a porta fechar-se atrás de si e a chave rodar na fechadura. Estava prisioneiro.
Interdito, pousou a lamparina em cima da mesa e quis atirar-se contra a porta, para a arrombar. Mas uma voz deteve-o:

— Um passo mais, marinheiro, e é um homem morto!
Erguendo a cabeça, Hendrijk viu, através de uma lucarna em que não havia ainda reparado, o cano de um revólver apontado para ele. Aterrorizado, deteve-se.
Não havia que lutar, a sua faca não podia servir-lhe naquelas circunstâncias; até um revólver teria sido inútil. O desconhecido, que o tinha à sua mercê, abrigara-se atrás da parede, ao lado da lucarna por onde vigiava o marinheiro, e por onde só passava a mão que assestava o revólver.
— Ouça-me bem — disse o desconhecido — e obedeça. O serviço forçado que você me vai prestar será recompensado. Mas você não tem por onde escolher. É preciso que me obedeça sem hesitar, senão matá-lo-ei como a um cão. Abra a gaveta da mesa. Está aí um revólver de seis tiros, carregado com cinco balas... Pegue nele.
O marinheiro holandês obedecia quase inconscientemente. O macaco, no seu ombro, soltava gritos de terror e tremia. O desconhecido continuou:
— Há um cortinado ao fundo do quarto. Puxe-o.
Afastado o cortinado, Hendrijk viu uma alcova na qual, em cima de uma cama, os pés e as mãos atados, amordaçada, uma mulher o olhava com os olhos cheios de desespero.

— Desamarre essa mulher — disse o desconhecido — e retire-lhe a mordaça.
Executada a ordem, a mulher, muito nova e de uma beleza admirável, lançou-se de joelhos junto à lucarna, gritando:
— Harry, isto é uma armadilha infame! Você atraíu-me a esta moradia para me assassinar. Fingiu tê-la alugado para aqui passarmos os primeiros tempos da nossa reconciliação. Julgava tê-lo convencido. Pensava eu que você adquirira finalmente a certeza de que eu nunca fora culpada!... Harry! Harry! Estou inocente!
— Não acredito em si — disse o desconhecido secamente.
— Harry, eu estou inocente! — repetiu a jovem com voz estrangulada.
— São as suas últimas palavras, registo-as com todo o cuidado. Repetir-me-las-ão toda a minha vida — e a voz do desconhecido tremeu um pouco, mas logo se voltou a firmar: porque eu ainda a amo — acrescentou ele. — Se a amasse menos, matá-la-ia eu próprio. Mas isso ser-me-ia impossível, porque eu amo-a...
Agora, marinheiro, se antes de eu ter contado até dez você não tiver alojado uma bala na cabeça dessa mulher, cairá morto aos pés dela. Um, dois, três...
E, antes de o desconhecido ter tido tempo de contar até quatro, Hendrijk, transtornado, disparou sobre a mulher que, sempre de joelhos, o olhava fixamente. Caíu de cara no chão. A bala atingira-a na testa. De imediato, um disparo vindo da lucarna foi atingir o marinheiro na têmpora direita. Abateu-se de encontro à mesa, enquanto o macaco, soltando gritos agudos de pavor, se escondia no seu blusão.

No dia seguinte, transeuntes que tinham ouvido uns gritos estranhos vindos de uma cottage nos arredores de Southampton avisaram a polícia, que em breve acorreu para arrombar as portas.
Encontraram os cadáveres da jovem e do marinheiro.
O macaco, saído inesperadamente do blusão do dono, foi-se às ventas de um dos polícias. Assustou-os a todos a tal ponto que, tendo dado alguns passos atrás, o abateram a tiros de revólver antes de se atreverem a aproximar-se de novo.
A justiça inquiriu. Pareceu claro que o marinheiro havia morto a senhora e se suicidara em seguida. Não obstante, as circunstâncias do drama afiguravam-se misteriosas. Ambos os cadáveres foram identificados sem dificuldade, e perguntava-se como é que Lady Finngal, mulher de um par de Inglaterra, se encontrava sozinha, numa casa de campo isolada, com um

marinheiro chegado na véspera a Southampton. O proprietário da moradia não pôde fornecer qualquer informação capaz de esclarecer a justiça. A cottage havia sido alugada, oito dias antes do drama, a um dito Collins, de Manchester, cujo paradeiro, de resto, permanecia desconhecido. Esse Collins usava óculos e tinha uma longa barba ruiva, que podia muito bem ser falsa.

O lord veio a toda a pressa de Londres. Adorava a mulher, e a sua dor dava pena de ver. Como toda a gente, não percebia nada daquele caso.

Após estes acontecimentos, retirou-se do mundo. Vive na sua casa de Kensington, sem outra companhia para além de um criado mudo e um papagaio que repete, sem cessar:

— Harry, estou inocente!

A separação da sombra

à Mademoiselle Segré

«Foi há mais de dez anos, e nada disso pertence ao passado pois que revejo, quando quero, as coisas e as pessoas desse tempo. Sinto-lhes a consistência e ouço os ruídos e as vozes. Essas recordações importunam-me, como moscas que se enxotam e, de imediato, nos voltam a pousar na cara ou nas mãos.

«Quando Louise Ancelette morreu, já eu não a amava. A sua ternura, havia já um ano que deslizava por mim como a água da chuva pelo impermeável. O meu desamor, que eu não queria mostrar, brilhava súbito, num clarão labial, diante dos nossos amigos, a quem as minhas inquietações mentais forneciam, estou certo, um tema de conversa que eu adivinhava sem os ouvir, tal como, sem o vermos, adivinhamos o

cadáver de uma rapariguinha quando passamos diante de uma casa mortuária com a porta ornada de entrelaces brancos.

«Disseram-me depois. Cerca de um mês antes do falecimento de Louise, eu dizia que ela ia morrer, que já não durava mais de três semanas, de quinze dias, que pereceria na quarta-feira seguinte, que morreria amanhã. Havia-se-lo tomado por uma brincadeira, pois Louise passava bem de saúde, irradiava frescura e alegria.

«Mas o magarefe pode dizer em que dia tal vitela será abatida. O meu ódio era sábio, eu sabia bem qual seria o dia da morte de Louise e ela morreu na data que eu indicara.

«Morreu bruscamente e a sua morte não constituiu enigma algum para os médicos. Mas não pude impedir que os meus amigos suspeitassem de um crime meu. As suas perguntas enlaçavam-me como serpentes sibilantes que eu não lograva encantar.

«Tormentos de outrora, sinto-vos ainda…

«Um mês antes da morte de Louise, tínhamos saído juntos; era sábado. Em silêncio, errámos pelo Marais, e lembro-me de olhar as nossas sombras, que nos precediam confundindo-se.

«Na rua dos Francs-Bourgeois, detivemo-nos diante de uma loja em cuja fachada se podia ler: *Mercadorias provenientes do monte-da-piedade*.

Através das vidraças, viam-se, expostos, objectos desencontrados. O mundo inteiro e todas as épocas eram os fornecedores daquela loja, onde jóias, vestidos, quadros, bronzes, bugigangas e livros faziam vizinhança, como vizinhança fazem os mortos no cemitério. Lia eu melancolicamente o lastimável compêndio de história civil formado por todo aquele ferro-velho, quando Louise me pediu que lhe comprasse uma jóia que lhe agradava. Entrámos. Ao abrir a porta envidraçada, li o nome nela desenhado em letras brancas: David Bakar, e vi que, bruscamente separadas, as nossas sombras só entraram depois de nós.

«David Bakar estava sentado atrás do balcão. Disse-nos que retirassemos a jóia da montra e quando, depois de ter acertado o preço, quis pagar, disse-me que não tinha troco para me dar, e que fosse procurá-lo na vizinhança. Percebi que aquele homem não queria trabalhar no dia do sabá e quando, de volta, paguei o que era devido, a importância ficou em cima do balcão.

«'Que belo dia — disse-nos então Bakar. — É verdade que o dia de hoje é sábado: o sol brilha sempre neste dia. E é o dia em que melhor se pode examinar uma sombra. Cada sábado que passa, recorda-me também um dos pormenores mais emocionantes da minha longa vida. A be-

la redordação de ter sido a sorte em pessoa! Os cristãos não têm recordações de infância como estas!

«'Nasci em Roma e só estou em Paris desde os vinte e cinco anos.

«'Sabeis que em Roma se tira o loto todos os sábados, na piazza Ripetta, e que a tarefa de tirar os números à sorte é cometida a uma criança judia, escolhendo-se de preferência uma de cara bonita e cabelos encaracolados.

«'Uma vez, fui eu que tirei o loto. A minha mãe, que era muito bela, acompanhou-me. Então, no meio da praça, tornei-me a sorte. E depois, nunca vi tantos olhares ansiosamente voltados para mim. No fim, havia olhares desses que flamejavam de cólera e outros de alegria. Homens que me mostravam o punho proferindo insultos, ao passo que outros rejubilavam chamando-me Jesus, cordeiro pascal, salvador, ou atribuindo-me outros nomes cristãmente lisonjeiros.

«'E lembro-me perfeitamente de um homem de labita e sem chapéu, que se encontrava na primeira fila do ajuntamento. Parecia triste e acabrunhado e, quando a multidão se dispersava, vi que, ao sol, esse homem não tinha amostra de sombra. Rápida e discretamente, tirou um revólver do bolso e deu um tiro na boca.

«'Apavorado, olhei por um momento as pessoas a levarem o cadáver; a seguir procurei a minha

mãe, mas não a encontrei e regressei sozinho a penates, aonde ela não recolheu nessa noite.

«'No dia seguinte, quando a minha mãe voltou, o meu pai fez-lhe reparos que nós achámos bem merecidos, as minhas irmãs e eu. Mas calou-se assim que ela pronunciou algumas palavras ríspidas que eu não entendi.

«'O meu tio Penso, o rabino, apareceu à noite, irritado com os meus pais, que me haviam deixado fazer a extracção do loto. 'Vi o David — dizia ele —, fazia lembrar o bezerro de ouro que os nossos mestres adoraram na ausência de Moisés. Estava a ver quando é que os premiados organizavam danças em volta do nosso David'. E as suas objurgações eram entremeadas com citações de Maimonides e do Talmude.

«Ofereci um charuto a Bakar, que o recusou a pretexto do sabá.

«'Ui — disse Bakar — não me sinto muito bem. Antes de vos irdes, emprestai-me as vossas sombras... Queria saber se terei muito tempo de vida. Sei um pouco de ciomância, ou adivinhação pelas sombras. Aprendi os princípios dessa ciência com esse tal tio que não gostava que se adorasse o bezerro de ouro mas que, bem rico e bem avarento, só viajava em terceira classe. Um dos seus amigos perguntava-lhe, um dia,

a razão dessa sovinice. 'É porque não existe quarta', respondera-lhe o meu tio. Subsequentemente emigrou para a Alemanha, onde os comboios têm carruagens de quarta classe.
«'Saiamos da loja e, ao sol do sabá, sejamos ciomantes.
«'Todos tendes vossas sombras, ao menos?
«'Pois que, não o esqueçais, segundo as nossas crenças infalíveis, a sombra deixa o corpo trinta dias antes de este morrer.'

«Fora da loja, vimos com agrado que ainda possuíamos as nossas sombras. Bakar colocou-nos de maneira a que as sombras se misturassem à dele, e depois examinou aquela mancha tremente. Pôs-se a dizer:
«'Ui, o signo do fogo! Ui, o fogo, *asch*! Ui, Adonaï! *Asch*, que é o fogo em hebraico, dá *Aschen* em alemão. Que são as cinzas, as cinzas dos mortos. Ui, e *haschich* vem daí, verosimilmente. Que será o bom sono. Ui, o signo do fogo. *Asch, Aschen, haschich* e assassino que, já me esquecia, vem também daí. Ui, Ui! Asch, aschen, haschich, assassino, ui, Adonaï, Adonaï!'
«E como havia saído sem chapéu, e talvez em confirmação de um presságio mortal representado por *asch*, o signo do fogo, Bakar espirrou ruidosamente:
«'Atchim! Atchim!'

«Fortemente comovido, disse-lhe:
«'Deus o abençoe!'
«Mas Bakar voltou para dentro da loja, dizendo:
«'Ainda tenho muito tempo de vida'.
«Depois, vendo que o sol ia desaparecer, disse-nos:
«'Até outra vez.'
«Pois era a hora da oração e, ao nos irmos, pudemos vê-lo enquanto, a cabeça coberta por um velho chapéu alto, lia, em pé na soleira da sua loja, um livro hebraico que começou regularmente pelo fim.

«Caminhávamos sem falar e, quando passado um bocado quis voltar a ver as nossas sombras, vi com um prazer singularmente atroz que a de Louise a havia deixado.»

O passeio da sombra

Era um pouco antes do meio-dia. Vi vir uma sombra. Porém, para meu espanto, ela não dependia de corpo algum e avançava livremente, sozinha.

Deitava-se enviesadamente no chão. Se passasse perto de um passeio, ganhava de súbito duas dobras e, por vezes, junto a uma parede, punha-se toda direita como que para desafiar alguém, talvez o sol, ela a quem corpo nenhum ofuscava a visão.

Pus-me a segui-la no momento em que desaparecia ao voltar para uma rua muito deserta, onde me pareceu não se meter sem certa hesitação. Mas não haverá que descrevê-la ou melhor, falar do seu contorno? Sabe-se que uma sombra varia, emagrecendo ou alongando-se desmesuradamente e, em sentido contrário, dando de si, por vezes a ponto de assumir a aparência de um

pote de banhas. No que diz respeito a essa sombra ensimesmada de que estou a falar, quando parecia apresentar a sua aparência mais normal, essa sombra tinha qualquer coisa de homem novo e bem feito, cujo bigode mostrava às vezes uma ponta e cujo perfil era puro.

Uma rapariga nova apareceu ao fundo da rua que tomáramos e, quando a sombra chegou ao pé dela, trepou por assim dizer por ela acima, como que para a beijar na fronte.

A rapariguinha sobressaltou-se e voltou-se logo, mas a sombra havia passado e, lá no fundo, afastava-se deslizando, rastejando sobre o pavimento desigual da ruela.

A rapariguinha, cujo rosto era triste e calmo como o daqueles que perderam alguém na guerra, reteve um grito e pareceu-me que, no seu rosto, se misturavam a alegria e o arrependimento...

Depois, o rosto dela fez-se outra vez resignado, enquanto os olhos seguiam a reptação da sombra azulada.

«Conhece-a então? — perguntei eu à jovem — Conhece então essa sombra azul, essa sombra solitária?»

«Você também a viu! — exclamou ela — Viu-a como eu, o que quer dizer que a distinguimos ali ao fundo, a essa mancha viva e subtil, esse réptil imaterial de contornos humanos.»

«Julguei reconhecê-la. Não apenas julguei, reconheci-a. Descobri os contornos do seu rosto, o bigodinho fino, mas nenhum olhar.»

«Eu reconheci-o. Não mudou desde a sua última licença. Tínhamos ficado noivos e deveríamos casar quando da próxima licença. Mas um estilhaço de obus atingiu-o em pleno coração. Mataram-no; todavia, como vê, a sombra dele não morreu. Sobrevive, mais concreta que uma recordação, e mais subtil também.»

A rapariga afastou-se. Nos seus olhos flamejava todo o amor do seu coração ardente.

Tendo-me despedido dela, corri atrás da sombra. Ela lá ia, cingida aos acidentes do terreno por onde se movia. Voltei a vê-la perto da igreja da vila; vi-a outra vez na rua principal, onde se esgueirava por entre os transeuntes, que não reparavam na sua forma azulada que se modificava a cada instante.

A sombra passeava-se. Detinha-se diante das lojas e parecia usufruir de um prazer extremo nesse passeio por locais familiares. Por vezes, desaparecia por assim dizer no meio de outras sombras de passantes, e quis parecer-me que não havia diferença alguma entre elas.

No jardim público até onde a segui, apegou-se de preferência às roseiras, nesta estação carregada de flores. Dir-se-ia que lhes respirava o

inefável odor, e soluços pareciam sacudi-la da cabeça aos pés.

Não foi sem emoção que assisti à mágoa da sombra. Teria querido consolá-la, dar-lhe um beijo de paz como os que os primeiros cristãos trocavam entre eles. Mas o seu mistério escapava-me e eu mais não pude que, a dado momento, misturar a minha própria sombra àquela aparência inconsistente.

Recuei de imediato, com medo de pisá-la. Receava fazer-lhe mal. Sentia uma piedade imensa pelo seu abandono. Mas, de repente, num acto de correspondência inexplicável, pareceu-me que ela me dava a entender que era feliz, e que os seus soluços outra coisa não eram que soluços de ventura, que havia nela uma vida imortal que lhe permitia sobreviver ao corpo desaparecido e enlear-se em tudo o que este havia acarinhado. A felicidade dessa sombra era feita da sua presença nesses locais que havia frequentado.

Não me enganei, e fui invadido por uma terna alegria. Desde esse momento, foi com um sorriso que assisti às movimentações da sombra no meio dos canteiros floridos e sobre os relvados verdejantes.

Quando a vi afastar-se do jardim público, segui-a ainda até ao cemitério, onde ela me arrastou até uma campa onde havia sido assinalado o lu-

gar do seu corpo e ele jamais repousará.

Em seguida voltou a atravessar a vila, e foi lá que, após o crepúsculo, a noite nos surpreendeu. A sombra tornou-se, pouco a pouco, mais indistinta. Acabei por lhe perder o rasto no meio das trevas.

Mas compreendi quão vã é a morte, e que ela mal atenua a presença. Os que estão mortos não estão ausentes.

A sombra intacta e solitária que percorria as ruas da pequena cidade não tem menos realidade que a sombra interior da qual podemos seguir os contornos projectados na memória e cuja subtileza azulácea se molda à recordação.

O rei-lua

A René Berthier

I

No dia 23 de Fevereiro de 1912, percorria eu a pé aquela parte do Tirol que começa quase às portas de Munique. Fazia um frio de gelar; o sol brilhara todo o dia e eu já havia deixado bem para trás uma região onde, ao crepúsculo, castelos fabulosos se reflectiam em lagos côr-de-rosa. A noite caíra, iluminava-a a lua cheia, bloco flutuando no firmamento onde frias estrelas cintilavam. Seriam cinco horas. Apressava-me, querendo chegar pela hora do jantar ao grande hotel de Werp, aldeia bem conhecida pelos alpinistas, e que, segundo o mapa que trazia no bolso, já não deveria encontrar-se distante mais que três ou quatro quilómetros. O ca-

minho tornara-se mau. Cheguei a uma encruzilhada onde iam dar quatro carreiros; quis consultar o meu mapa, mas dei-me conta de que o havia perdido pelo caminho. Além do mais, o local onde me encontrava não correspondia a nenhum ponto do itinerário que estipulara antes de partir, do qual me recordava com nitidez: estava perdido. O tempo apertava-me e não fazia tenção de dormir ao relento. Tomei o carreiro que me pareceu orientado na direcção de Werp. Ao cabo de uma meia hora de marcha, detive-me num sítio onde o carreiro acabava frente a uma muralha de rochedos com cerca de cinquenta metros de altura, e por detrás da qual se elevavam montanhas em massiços caóticos e brancos de neve. À minha volta, enormes pinheiros agitavam as suas formas sombrias e pendentes, pois o vento levantara-se e as suas copas entrechocavam-se num rumor lúgubre que aumentava ainda mais o horror daquele deserto para onde o acaso me havia arrastado. Compreendi que seria impossível encontrar Werp antes de o dia acabar e pus-me à procura de alguma gruta, alguma anfractuosidade da rocha onde pudesse abrigar-me do vento até à alvorada. Examinava eu cuidadosamente aquela espécie de falésia que se erguia diante de mim, quando me pareceu vislumbrar uma abertura, para a qual me dirigi. Deparei com uma caverna mui-

to espaçosa, e nela me aventurei. Lá fora o vento soprava com toda a força, e o queixume dos pinheiros tinha qualquer coisa de comovente, como se milhares e milhares de viajantes perdidos gritassem o seu desespero. Ao cabo de alguns minutos, tendo-me habituado à escuridão da caverna, senti um rumor longínquo de música. Comecei por julgar que me tinha enganado, mas logo se dissiparam as minhas dúvidas — ondas sonoras e harmoniosas chegavam até aos meus ouvidos, e provinham das entranhas da montanha. Que assombro e que terror! Quis fugir. Depois a curiosidade levou a melhor e, tacteando ao longo da parede, fui caminhando com o intuito de explorar aquela caverna de feitiço. Assim prossegui durante mais de um quarto de hora, enquanto as harmonias da orquestra subterrânea se iam tornando mais precisas; então, a parede fez um ângulo brusco. Contornei-a mudando de direcção e avistei, a uma distância que não era capaz de avaliar, um pouco de luz coada, ao que parecia em volta de uma portada. Estuguei o passo e em breve me encontrei diante de uma porta.

A música cessara. Ouvia um rumor de vozes distantes. Dizendo então de mim para mim que os melómanos subterrâneos não deveriam ser, apesar de tudo, gente perigosa, e como, por outro lado, mau grado as aparências, não era

capaz de decidir-me a admitir que a minha aventura pudesse ter uma origem sobrenatural, bati duas vezes à porta mas ninguém acorreu. Por fim, tendo a minha mão encontrado uma chave, dei-lhe a volta e, não experimentando qualquer resistência, penetrei numa vasta sala cujas paredes eram revestidas de mármores de cor e de conchas, e onde reinava uma meia-luz, ao mesmo tempo que corria água em pequenos lagos artificiais, onde nadavam peixes multicolores.

II

Só após ter olhado muito tempo à minha volta é que vi, ao fundo da gruta, a porta entreaberta através da qual me aventurei a dar uma olhadela na sala seguinte, que era muito espaçosa e de tecto muito alto. Era uma espécie de sala de jantar mobilada, no centro, com uma mesa redonda suficientemente vasta para proporcionar lugar a mais de cem convivas. De momento, encontravam-se ali perto de uma cinquentena que, todos eles jovens entre os quinze e os vinte cinco anos, tagarelavam animadamente.
Da porta onde me achava, e onde ninguém me via, reparei que a mesa não tinha pé algum. Estava suspensa do tecto por quatro ganchos com

roldanas em volta das quais se enrolavam cabos metálicos; dessas roldanas, os cabos corriam em diferentes sentidos ao longo do tecto e, depois de passarem através de argolas fixadas à cornija, desciam ao longo das muralhas, onde se podia baixá-las, subi-las e pará-las à vontade. O mesmo se passava com os assentos daquela sala de jantar singular; todos se assemelhavam a baloiços. Lâmpadas eléctricas brilhavam em globos pintados de cores diferentes. Reparei que havia todas as cores do prisma, e que esses globos suspensos na ponta dos respectivos fios estavam dispostos a bel-prazer e ao acaso por toda a sala, e a diferentes alturas, havendo-os mesmo que pareciam emergir do rodapé, junto ao chão. Essas luzes de tinturas diversicolores encontravam-se tão bem distribuídas, que se diria reinar na sala a própria luz do sol.
Não vi quaisquer serviçais mas, decorridos instantes, tendo os convivas comido o bastante das iguarias que lhes haviam sido servidas, os criados entraram pelas portas do fundo para levantarem o primeiro bufete, ao mesmo tempo que outros chegavam empurrando à sua frente uma carreta onde vinha estendido, num leito de galhos secos, um boi vivinho que a ele tinha sido solidamente amarrado. Quando a carreta, cujo fundo podia libertar um calor eléctrico suficiente

para cozinhar um assado, chegou junto da mesa, tudo se acendeu e, em breve, sob o boi que era virado vivo, surgia um braseiro instantâneo e aromático. Nesse momento, quatro moços cortadores avançaram com esse ar satisfeito e fatigado do meu amigo René Berthier quando, antes de trocar o domínio da ciência pelo da poesia ou inversamente, tenta abrir a sua lata de ananás quotidiana por meio de uma lima de unhas. Os convivas, que se fitavam mutuamente com bastante agrado, interromperam-se de imediato para escolherem o naco a seu gosto, como fazem os jornalistas da política após uma nova conquista colonial. O boi vivo era cortado no local designado, e era tal a habilidade do magarefe que o bocado era separado e assado sem que algum dos orgãos essenciais fosse atingido. Em breve, não ficaram senão a pele e o esqueleto, que foi levado como um contribuinte devorado pelos impostos.

Entraram então vinte passarinheiros, de chamariz na boca e trazendo cada um duas grandes gaiolas cheias de enormes patos emplumados vivos, que foram esganados na frente de cada conviva. Os copeiros, que se apresentaram espontaneamente, serviram copázios de vinho da Hungria, e vinte clarins, entrados por quatro portas ao mesmo tempo, puseram-se a tocar os seus instrumentos enfeitados.

O repasto de alimentos vivos parecera-me tão singular que me inquietei um pouco quanto à sorte que me esperaria na companhia de indivíduos tão ávidos de sangue, mas eis que os ditos se levantaram e, enquanto acendiam, uns cigarros, outros charutos, os criados levantaram a mesa e içaram-na num piscar de olhos até ao tecto, bem como aos assentos. A sala ficou esvaziada de móveis e, tendo-se ido embora os clarins, deram entrada quatro violinistas cegos que tocavam melodias da moda, o que desde logo incitou aquela gente nova a dançar. Mas esse exercício não durou mais de um quarto de hora, após o que se encaminharam para outra sala.

Tendo a porta ficado aberta, penetrei a passo de lobo: vi que conversavam uns com os outros, ao mesmo tempo que, em seu redor, móveis de aspecto singular pareciam dançar do modo mais bizarro, e sem música. Os móveis alçavam-se a pouco e pouco, como um poeta de salão, meneavam-se ao se alçarem e cresciam por sacões; em breve assumiram a aparência de móveis confortáveis, poltronas e divãs de couro; uma mesa, que tinha o aspecto de um cogumelo, era forrada a couro como o resto do mobiliário.

Assim que os móveis assumiram essa aparência honesta e pararam de arfar, os desconhecidos sentaram-se nas poltronas e continuaram a

fumar: quatro deles instalaram-se em volta da mesa e encetaram uma partida de bridge que provocou de imediato as mais dasagradáveis discussões, ao ponto de, tendo um deles pousado sobre a mesa o charuto aceso, enquanto discutia, vermelho de cólera, uma jogada do seu adversário, a dita mesa explodir subitamente como um dirigível alemão, lançando alguma perturbação na partida de cartas e entre a assistência. Um preto acorreu prontamente para levar a mesa pneumática, que explodira ao contacto do charuto e jazia por terra como um elefante morto; propos-se a trazer outra dessas mesas de borracha forrada de couro, pois que se tratava de um novo mobiliário insuflável e exsuflável consoante se queira, e portanto pouco volumoso, mesmo em viagem. Mas os cavalheiros declararam que já não lhes apetecia jogar, e o preto mais não teve que esvaziar o mobiliário, que desinchava soltando um assobio, como um serviçal russo sibilando diante do seu amo. Em seguida, toda a gente abandonou a sala de fumo desmobilada e o preto desligou a electricidade.

III

Tendo-me encontrado subitamente às escuras, alcancei a parede e encaminhei-me na direcção

das vozes que se afastavam. Tacteando, cheguei a uma escada na base da qual se abria uma porta que dava para um corredor estreito cavado na rocha e sobre cujas paredes vi, gravados ou escritos a lápis ou a carvão, os mais extraordinários grafitti obscenos. Passo a citar aqueles de que me lembro, mas velando a crueza de alguns dos termos que eram empregues.
Um monstruoso duplo falo arrebicava o M inicial da seguinte inscrição:

MIGUEL-ÂNGELO CAUSOU UM VIVO PRAZER
A HANS VON JAGOW

Estava escrito a lápis.
Mais adiante, de um coração trespassado por uma flecha rodeada de uma áspide, saía uma bandeirola com esta dedicatória:

A CLEÓPATRA PARA SEMPRE

Um erudito havia formulado em caracteres góticos um voto que me encheu de estupefacção, e que tinha a ver com Hrotswitha, o dramaturgo:

QUERIA FAZER AMOR
COM
A ABADESSA DE GANDERSHEIM

A história de França havia inspirado a um anónimo admirador do século XVIII a exclamação mais delirante:

PRECISO
DA MADAME DE POMPADOUR

Estas inscrições tinham sido gravadas na parede com uma ponta metálica.
Eis uma traçada a giz e acompanhada por ctenos alados e de diferentes tamanhos:

TIVE NA MESMA NOITE A MESMA
LINDA TIROLESA DO SÉCULO XVII
COM AS IDADES DE 16, 21 E 33
ANOS AINDA PODERIA TÊ-LA TIDO
COM A IDADE DE 70 ANOS MAS
PASSEI-A AO NICOLAS

A anglomania soava em cheio nesta declaração categórica a lápis azul:

A INGLESA DESCONHECIDA
DO TEMPO DE CROMWELL
ENGOLE TUDO
Assinado: Willy Horn

Uma inscrição a largos traços de carvão e quase apagada aqui e ali fazia lembrar uma gargalhada sarcástica que me pareceu quase inconveniente naquele inimaginável cemitério gráfico:

TIVE ONTEM A CONDESSA TERNISKA
COM A IDADE DE 17 ANOS ELA QUE
TEM 45 BEM TIDOS
H. Von M.

Enfim, não me achei demasiado audacioso, tendo em conta os grafitti precedentes e apesar de toda a inverosimilhança da suposição, ao contar ao queridinho do rei Henrique III esta confissão apaixonada e cheia de franqueza:

AMO QUÉLUS ATÉ À LOUCURA

Aquelas inscrições equívocas e enigmáticas encheram-me de estupefacção. Corações trespassados, corações inflamados, corações duplos, e outros emblemas ainda: ctenos alados ou não, imberbes ou tosqueados; falos orgulhosos ou humilhados, pacholas ou levantando voo, solitários ou acompanhados das suas testemunhas, decoravam a parede com um brasão todo ele indecente e caprichoso.
Avancei decididamente pelo corredor onde, por uma porta sem batente e que uma cortina de pesada tapeçaria semiencobria, vi o que se passava no interior de uma sala cujo chão era acolchoado e estava coberto de tapetes, de almofa-

das e de bandejas carregadas de refrescos. Nas paredes, e bastante baixas, tinas encimadas por torneiras avançavam em forma de proa e podiam servir de bidé ou de pia. A jovem brigada cujas deslocações eu seguira até então refugiara-se naquela divisão. Os jovens estavam deitados. Sobre o colchão que cobria o chão viam-se ainda caixas de madeira. Cada um dos cavalheiros tinha uma perto de si, outras estavam desocupadas: uma delas, colocada próximo da porta, encontrava-se ao meu alcance.

Começaram por dedicar a sua atenção a ver alguns álbuns, que os havia em profusão; pareceu-me, de longe, que eram álbuns de fotografias nuas: modelos de academia, homens, mulheres e crianças.

Tendo-se produzido o efeito que se esperava dessas nudezas, os jovens assumiram as mais desbragadas atitudes possíveis. Fizeram alarde do seu vigor e, abrindo as caixas, destravaram os seus aparelhos, que se puseram a girar lentamente, muito à semelhança dos rolos dos fonógrafos. Os operadores cingiram ainda uma espécie de cinto que se encontrava preso ao aparelho numa das pontas, e pareceu-me que todos eles se deveriam assemelhar a Ixion quando este acariciava o Fantasma de Nuvens, o invisível Junon. As mãos daqueles jovens gesticulavam perdidas como se apalpassem corpos fofos e ado-

rados, as suas bocas davam no ar beijos enamorados. Em breve se tornaram mais lascivos e, petulantes, acasalaram com o vazio. Estava desconcertado, como se tivesse assistido aos jogos inquietantes de um colégio de priapistas loucos; sons inquietantes saíam das suas bocas, frases de amor, soluços de volúpia, nomes mais que antigos, entre os quais reconheci os da mui sábia Heloísa, de Lola Montès, de uma certa octorona que deveria provir de não sei que plantação da Luisiana do século XVIII; alguém falou de um «pajem, meu belo pajem».

Aquela orgia anacrónica fez-me lembrar de repente as inscrições do corredor. Escutei com mais atenção os termos lascivos e assisti à satisfação de todos os desejos daqueles libertinos, que encontravam a volúpia nos braços da morte. «As caixas — disse para mim — são cemitérios onde estes necrófilos desenterram os cadáveres amorosos...»

Este pensamento arrebatou-me, achei-me em uníssono com aqueles debochados e, estendendo a mão, agarrei a caixa que se encontrava perto da porta sem que ninguém se apercebesse; abri-a, depois desencadeei o movimento como havia visto fazer aos jovens, cingi a correia em volta dos rins e de imediato se formou, diante dos

meus olhos extasiados, um corpo nu que me sorria voluptuosamente.

Pouco a par da mecânica, ser-me-ia difícil alongar-me sobre as características do aparelho e sobre os dados que haviam presidido à sua construção. Todavia, como o seu aspecto nada tinha de sobrenatural, tentei imaginar a operação a que presidia.
Assim, a máquina teria por função: por um lado, abstrair do tempo uma certa porção de espaço e nela se fixar num certo momento e durante alguns minutos apenas, pois o aparelho não era muito potente; por outro lado, tornar visível e tangível a quem cingisse a correia a porção de tempo ressuscitada.
Foi assim que eu pude olhar, apalpar, numa palavra trabalhar (não sem alguma dificuldade) o corpo que se encontrava à minha mercê, ao passo que esse mesmo corpo não fazia ideia alguma da minha presença, não tendo, ele, qualquer realidade actual.
Os aparelhos que ali se encontravam deveriam ter sido regulados a grande custo, pois só a paciência poderia permitir ao inventor encontrar, no passado, aquelas personagens voluptuosas em plena pujança da volúpia: não só deveriam ter sido necessárias umas boas apalpadelas, como um bom número de rolos não teria decerto

encontrado senão personagens pouco importantes e em atitudes de todo diversas da de fazer amor.
Imagino que o estudo aprofundado da história, e sobretudo da cronologia, deveria ser indispensável aos construtores. Estes, regularam os seus aparelhos para o local onde sabiam que, em tal data, tal personagem feminina se deitara, e pondo em marcha o mecanismo faziam-no alcançar a data e a hora exactas em que pensavam poder encontrar o sujeito na atitude conveniente.
Aparelhos mais potentes, e construídos com uma finalidade mais consentânea com a moral vigente, poderiam servir para a reconstituição de cenas históricas. Sem dúvida que, em combinação com um aparelho fonético, ela permitiria ao seu invetor, se este quisesse revelar o seu segredo ao público em lugar de o fazer servir unicamente o divertimento de uns quantos debochados subterrâneos, permitiria, dizia eu, facultar o aparecimento integral do passado nos seus fragmentos descobertos, e que em breve haveria exploradores dos tempos volvidos, tal como há ainda, e por pouco tempo, exploradores de terras desconhecidas. Um desses exploradores desunhar-se-ia a reconstituir, rolo por rolo, a vida de Napoleão. Haveria jornais que publicariam informações como a seguinte: «O Sr. X..., explorador do tempo, acaba, por feliz ca-

sualidade, de descobrir o poeta Villon, cuja vida é ainda tão mal conhecida, e, cilindro a cilindro, não lhe larga os calcanhares.»

Mas deixemo-nos de antecipações. Tudo isso pertence ainda ao domínio da utopia, ao passo que o corpo que eu apertava nos meus braços me parecia tão a meu gosto que o usei à grande sem que ele o suspeitasse.
Era uma mulher morena e voluptuosa, com uma pele branca onde as veias delicadas apareciam em tão grande número que antes parecia azul, do mesmo azul marinho adorável em que se condensou a espuma que foi o corpo divino de Afrodite. E, como com as duas mãos quase juntas à altura dos seios parecia repudiar alguma coisa, eu imaginava que essa coisa era o corpo flexível e branco do cisne que não cantará, e que ela era Leda, mãe dos Dioscuros. Em breve desapareceu, quando o aparelho parou, e eu retirei-me a passos lentos, todo transtornado pelo bem que me coubera.

IV

No corredor, os graffiti impropéricos e os nomes ilustres encheram-me de nojo, mas o orgulho de me ter transformado em aliado da hor-

rível casa dos Tindarides apoderou-se então de mim, e não fui capaz de me impedir de escrever a lápis:

CORNIFIQUEI O CISNE

Após o que, possuído pela inquietação e sem poder suportar mais a atmosfera daquela casa subterrânea onde nada era sobrenatural, é certo, mas tudo era tão novo para mim, quis dar com a saída sem que ninguém desse comigo. Mas perdi-me, pois em vez de voltar aos compartimentos que havia atravessado em breve me encontrei, todo arrepiado, numa grande sala onde, sobre um estrado com três degraus, se encontrava um cadeirão de pés quebrados, uma espécie de trono desmantelado por detrás do qual pendia uma tapeçaria ostentando um escudo raiado de azul celeste e prateado. Na parede em que se abria a porta por onde eu entrei, estavam pendurados quadros que representavam a vida em faixas coloridas e luzes deslumbrantes. Ao fundo, um órgão enchia a parede e, lado a lado como cavaleiros em armaduras, velavam os tubos polidos. Sobre o órgão, uma partitura fechada ostentava na banda visível da sua rica encadernação:

PARTITURA ORIGINAL
DE «O OURO DO RENO»

A sala era pavimentada com lajes de mármore raiado e de serpentina, e outras de cobre; havia também lajes de vidro transparente, de onde se elevavam luzes, umas vermelhas outras violeta. Essas luzes não forneciam a menor claridade à sala, que era iluminada por grandes janelas falsas, através das quais a luz artificial jorrava como se fosse a do próprio dia. Em certos locais daquele lajeado pude ver poças de sangue e, a um canto, uma pilha de coroas de teatro, em cobre e em vidrilho.

É aqui que se situa o episódio mais emocionante da minha viagem, quando, querendo sair daquele lugar e não ousando regressar pelo mesmo caminho, abri, ao acaso e não fazendo barulho algum, uma pequena porta existente ao pé do orgão. Eram cerca de oito horas da noite. Espreitei então para o interior de uma grande sala que não tinha menos claridade que aquela em que me encontrava, e que se achava toda perfumada de essência de rosas.
Lá dentro encontrava-se um homem de rosto jovem (muito embora tivesse, na altura, cerca de sessenta e cinco anos) vestido como um grande senhor francês do reinado de Luis XVI. Os seus cabelos, enrolados à Panurge, estavam carregados de pó e de pomada. Como seguidamente tive ocasião de observar, o colete que envergava

tinha bordadas cenas de *Ricardo Coração de Leão*, e botões de duas polegadas de diâmetro que continham, embutidas em vidro, doze miniaturas, os retratos dos doze Césares.
Em volta da sala, grandes funis de cobre sobressaíam da parede.
A curiosa personagem, cujo aspecto anacrónico tão fortemente contrastava com a modernidade metálica daquela sala, estava sentada diante de um teclado; carregou com ar enfadado numa das teclas. A tecla ficou metida para dentro, ao mesmo tempo que, de um dos funis, saía um rumor estranho e contínuo cujo sentido não distingui a princípio.
Durante um momento, o desconhecido escutou atentamente aqueles ruídos. De repente, levantou-se e, fazendo um gesto ao mesmo tempo efeminado e teatral, a mão direita estendida, a esquerda sobre o coração, e enquanto avançava o cortejo das oralidades, exclamou:
«Reino eremita! Ó terra da Manhã Calma! Ainda a alvorada mal desponta no teu território, já dos teus conventos se elevam as preces de que este aparelho de precisão me faz chegar o murmúrio. Ouço o roçar das vestes de papel oleado das gentes do povo, o trovejar das esmolas chovendo por entre os encontrões das gentes pobres. Ouço-te também, sino de bronze de Seul. Na tua voz, distingue-se o queixume de uma

criança. Ouço também um cortejo, ele segue o seu amo adorado, o Yang Ben, magnífico em sua sela. Se, um dia, eu usar ainda a púrpura pálida que só me cabe a mim, o Rei-Lua, irei visitar as tuas maravilhas e gozar o teu clima, que dizem delicioso».

E, enquanto se elevavam as palavras daquele que logo reconheci como sendo o rei Luís II da Baviera, vi que a opinião popular dos Bávaros, que pensam que o seu rei infausto e louco não morreu nada nas águas escuras do Starnbergsee, era correcta. Mas os rumores longínquos que procediam do triste reino dos eremitérios solicitavam-me demasiado para que eu me não abandonasse ao sortilégio do país das vestes brancas e, escutando atentamente os murmúrios da alvorada, pareceu-me ouvir o barulho das lavadeiras batendo perpetuamente os panos e as roupas virginais, e os choques incessantes dos paus que substituem o ferro de passar, como se fosse a própria alvorada branca que estava a ser lavada e passada.

Depois, o augusto falso afogado do lago de Starnberg carregou noutra tecla e, das palavras murmuradas pelo rei, depreendi que os ruídos que chegavam até nós evocavam a atmosfera feliz do Japão no momento da aurora.

Os microfones aperfeiçoados que o rei tinha ao

seu dispor estavam regulados de maneira a trazerem àquele subterrâneo os mais longínquos sons da vida terrestre. Cada tecla accionava um microfone regulado para esta ou aquela distância. Agora, eram os rumores de uma paisagem japonesa. O vento soprava nas árvores, devia haver ali uma aldeia pois eu ouvia os risos das serviçais, a plaina de um marceneiro e a corrente glacial das cascatas.

Depois, abaixada uma outra tecla, fomos transportados em plena manhã e o rei saudou o labor socialista da Nova Zelândia, enquanto eu ouvia o assobiar dos geysers jorrando águas quentes.

E aquela bela manhã prosseguiu, desta feita no suave Taiti. Eis-nos no mercado de Papeete, onde as lascivas *vahinés* erravam e se ouvia a sua bela língua gutural, quase idêntica ao grego antigo. Ouviam-se também as vozes dos Chineses que vendem o chá, o café, a manteiga e os bolos; o som dos acordeões e dos berimbaus... Eis-nos na América, a pradaria é imensa, uma cidade se ergueu sem dúvida em volta dessa estação de onde sai o pullman cujo apito ouço de parceria com o rei.

A algazarra terrível de uma rua, eléctricos, fábricas, parece que nos encontramos em Chicago, à hora do almoço.

Eis-nos em Nova Iorque, o canto dos paquetes no estuário do Hudson.
Preces violentas erguendo-se diante de um cristo no México.
São quatro horas. No Rio de Janeiro, passagem de um tropel carnavalesco. As balas de borracha, lançadas por mãos certeiras, esmagam-se com estrondo nos rostos e espalham as águas de cheiro, como as alcanzias mouriscas de outrora: plic, ploc, risos, ah! ah!
São seis horas em São-Pedro-da-Martinica, as máscaras descerram-se enquanto se canta em bailes enfeitados de grandes flores vermelhas de baliseira. Ouve-se cantar:

Ca qui pas connaître
Bélo chabin ché,
Ca qui pas connaître
Robelo chabin.

Sete horas, Paris, reconheci a voz azeda do Sr. Ern.st L. J..n.ss., pois o microfone, como que por acaso, ia dar a um café dos grandes boulevards.
As avé-marias soam no Munster de Bona, um barco com um duplo coração cantante estampado passa no Reno, dirigindo-se a Coblença.
Depois foi a Itália, perto de Nápoles. Os cocheiros jogavam às porras na noite estrelada.

Surgiu então a Tripolitana, onde, em redor de uma fogueira de campanha, M.r.n.tt. se exercitava a falar à preto, enquanto as tropas da casa de Sabóia o rodeavam marcialmente, prontas a defendê-lo em caso de hipotética agressão e disparavam alguns tiros de salva onomatopaicos ao mesmo tempo que, de posto em posto, através do acampamento, os toques dos clarins se revezavam.
Passado um minuto, dez horas! Serão de mendigos aquelas vozes que se lamuriam, que gemem com tamanho ardor? O rei, que as escuta, murmura:
«É a vez de Ispahan, que até mim chega saída de uma noite negra como o sangue das papoilas.»

E, enquanto ele assim cisma, é o odor dos jasmins que eu imagino.
Meia-noite! Um pobre pastor clama num deserto gelado: é a Ásia nocturna, cuja dor se estende por sobre o mundo.
Elefantes que barrem. Uma hora da manhã! É a Índia!
Depois, o Tibete. Ouve-se retinir os sinos sacerdotais.
Três horas: o ruído de milhares de barcos entrechocando-se docemente nas margens do rio, em Saigão.

Tum, tum, bum, tum, tum, bum, tum, tum, bum, é Pequim, os gongos e os tambores das rondas, os inumeráveis cães que ganem ou ladram misturando as suas vozes ao rumor lúgubre das rondas. Um canto de galo repica, anunciando a alvorada que, lívida, abandonou já a branca Coreia.

Os dedos do rei correram sobre as teclas, ao acaso, fazendo elevarem-se, de alguma maneira simultaneamente, todos os rumores desse mundo a que acabáramos, imóveis, de dar a volta auricular.

Enquanto eu me maravilhava, o rei ergueu subitamente a cabeça. E, a princípio, a minha presença não pareceu surpreendê-lo.

«Traga-me — disse-me ele — a partitura original do *Ouro do Reno*, quero percorrê-la após ter escutado a sinfonia do mundo e antes de ir ouvir a orquestra móvel do sr. Oswald von Hartfeld… Mas, cara de criminoso, onde está a tua máscara? Não quero ver à minha frente ninguém sem máscara.»

E, o rosto repentinamente impregnado de ferocidade, o rei avançou de punhos cerrados; de estatura hercúlea, sacudiu-me brutalmente, desatou a dar-me socos e pontapés e cuspiu-me na cara, gritando:

«Que lhe cortem os testículos! Frankestein, Eulenbourg, Jacob Ernst, Durkheim, que alguém lhe corte os testículos!»

Não fiquei à espera de nenhum desses cavalheiros e, vendo que o rei se danava mais com o facto de eu estar sem máscara do que com o insólito da minha presença, disse a mim mesmo que se conseguisse reencontrar a porta pela qual entrara no subterrâneo não seria procurado por ninguém, ficando o rei a pensar que se houvera apenas com um dos moradores da sua casa: serviçais, subalternos, pajens, fidalgos ou arrais.

E, enquanto me punha a salvo, ouvia-o gritar: «A partitura do *Ouro do Reno*, a máscara nessa tua cara de criminoso ou cortar-te-ão os testículos!»

V

Voltei a errar através daquele subterrâneo sumptuoso onde vivia esse velho afogado que havia sido um rei louco. Durante duas horas, pelo menos, avancei prudentemente na escuridão, abrindo portas, tacteando a parede e não encontrando saída alguma.

A princípio ouvi ruídos de vozes, depois todas se calaram.

Por fim, encontrei-me na gruta que servia de vestíbulo àquela espantosa residência.

Do lado de fora, rompiam fanfarras que em breve se calaram. Apenas tive de abrir a porta pela qual penetrara no hipogeu para me encontrar de novo entre os pinheiros.
Mas a floresta iluminara-se; as mil luzes que nela haviam nascido corriam, subiam, baixavam, afastavam-se, aproximavam-se, agrupavam-se, quedavam-se, apagavam-se, reacendiam-se, minguavam, cresciam, mudavam de cor, unificavam as suas tintas, diversificavam-nas, uniam-nas em formas geométricas, separavam-nas em clarões, em chamas, em faíscas, solidificavam-nas, por assim dizer, em formas geométricas incandescentes, em letras do alfabeto, em algarismos, em figuras animadas de homens e de bichos, em altas colunas ardentes, em lagos onde rolavam torrentes inflamadas, em fosforescências lívidas, em feixes de foguetes, em girândolas, em luz sem foco visível, em raios, em relâmpagos.
Em certos momentos, divisava um magote de gente reunida ao longe. Aproximando-me prudentemente e escondendo-me atrás das árvores, consegui distinguir essas personagens. Estavam mascaradas, salvo o velho rei, cujo rosto se encontrava descoberto. Pusera um traje meio-masculino, meio-feminino, ou seja, por cima do seu traje do século XVII havia enfiado uma saia de balão, mas que era aberta à frente e enfeitada com um cinto de ginástica como os que usam os bombeiros.

Nesse instante, a música voltou. Havia músicos muito longe e outros muito perto. As suas fanfarras afastavam-se e aproximavam-se, estalando ao longe ou ao perto. Dir-se-ia que cem orquestras se repudiavam, se procuravam, se juntavam, se perseguiam, se afastavam ou se aproximavam, depressa ou devagar. Havia estridências incógnitas, sonoridades de uma força inaudita, timbres de uma novidade impressionante. Música que vinha de muito alto, como que do céu. Havia-a que saía de debaixo da terra, e nós éramos afogados, por assim dizer, num oceano de sons mágicos.
De súbito, todas aquelas personagens se cingiram com cintos semelhantes ao do rei. Tendo-se algumas delas voltado, vi que, à altura da barriga, os cintos se achavam enfeitados com instrumentos assaz parecidos com despertadores.
«Isto, isto é que são cores — dizia o rei —, e é esta a maior das artes, uma arte mais rica que a pintura. E esta música movente, terá ela vida suficiente? Agora, meus amigos, vamos passear.»

O Rei-Lua levantou voo graciosamente. Foi empoleirar-se numa árvore, de onde continuou

a falar. Não percebi o que ele dizia, mas pareceu-me que chilreava dirigindo-se à lua que luzia entre as ramagens. Depois, retomou o seu voo; toda a companhia levantou voo com ele, e desapareceram nos ares como um bando de aves migratórias.

Consegui alcançar Werp durante a manhã e, durante muito tempo, não senti a falta de contar a minha aventura a ninguém.

Índice

Vous n'aimez rien tant que les pompes
de l'Église, *em «Alcools», mais do que um
verso, é um modo de confissão.
Protegido por prelados, frequentando
colégios católicos, teve na realidade um pai
italiano, ligado à Corte das Duas Sicílias,
que pouco tempo acompanhou a sua
infância. Ter-lhe-á, porventura, deixado
um atávico gosto pelo operático, de que
algumas das suas obras se ressentem.*

Luís Alves da Costa